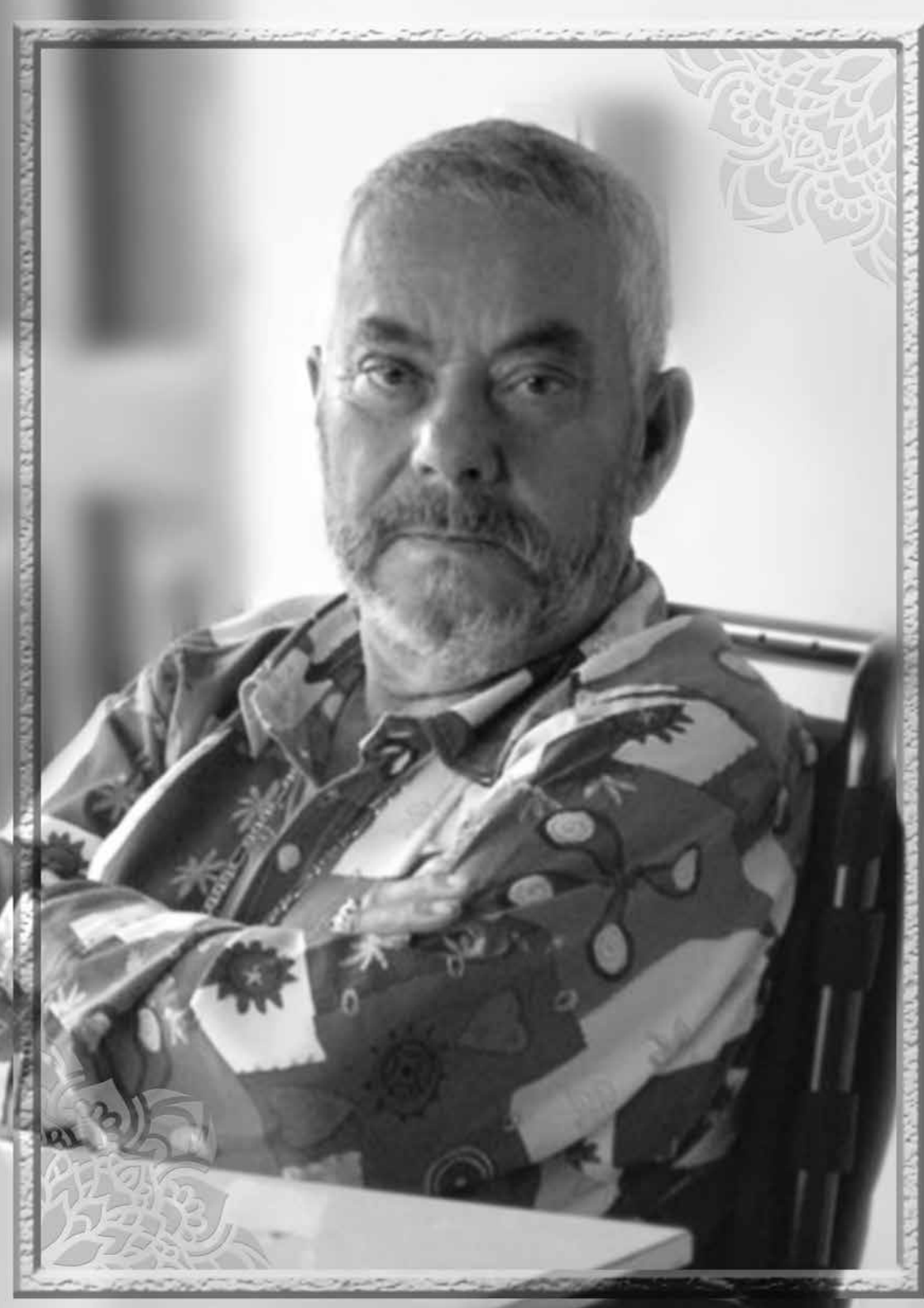


# *Reflexões de um Investigador*



**EDITORIA**  
GNOSISBRASIL





EDITORA GNOSIS BRASIL — 1ª Edição / Julho 2020  
*editora.gnosisbrasil.com | editora@gnosisbrasil.com*  
Tradução e revisão a partir do original em espanhol:

**REFLEXIONES DE UN INVESTIGADOR.**

Capa Original:



**Autor:**

V.M. Lakshmi Daimon

**Coordenação geral da Edição:**

Marcus Bonassi

**Tradução de texto:**

Carla Talita da Cunha Alfano  
Lennon Kitaro Olazával  
Paloma Kaiper Cruz

**Revisão de texto:**

Carla Talita da Cunha Alfano

**Projeto gráfico:**

Bárbara Furian

*Ficha Catalográfica*

D133r	Daimon, Lakshmi, 1936-2005 Reflexões de um investigador / por Lakshmi Daimon. - 1. ed. - Camanducaia, Editora Gnosis Brasil, 2020. x p. : 15x21cm  1. Reflexão 2. Experiência mística 3. Psicologia 4. Gnosis I. Título  CDD: 100 CDU: 11+159.9
-------	---



---

# *Sumário*

---





09	Reflexão nº 1
29	Reflexão nº 2
49	Reflexão nº 3
69	Reflexão nº 4
81	Reflexão nº 5
91	Reflexão nº 6
101	Reflexão nº 7







# *Reflexões de um Investigador*



# 1

*V.M.Lakhsmi*



# *Apresentação*

## *Algumas palavras do leitor*

---



Quando penetramos no Templo da Mãe Natura, quando temos o privilégio de ser testemunhas fieis dos elementos que a compõem, as árvores, as aves, os peixes, os lagartos e as outras formas de vida que não são plantas nem animais, o rio, as rochas, as montanhas, as correntes de ar e a luz do sol que entram no interior do bosque como gotinhas de luz para dar vida e pôr tudo em movimento.

Quando contemplamos os peixes nadando em águas mais limpas e mais nítidas que o cristal, quando nos deleitamos com as sinfonias do bosque, interpretadas por dezenas de aves e milhares de insetos que entoam o ritmo ao qual dança a vida; quando o murmúrio do rio nos fala da imensidão do mar, da altura dos céus e da profundidade do bosque, porque esse é o caminho que ele percorreu.

Quando nos deixamos guiar pelo voo de uma borboleta e percorremos juntos o caminho que ainda não se construiu; quando nos sentamos, exaustos, no tronco e à sombra de uma árvore que nos cobre com sua copa benfeitora na catedral do bosque; quando reconhecemos em cada planta, em cada animal e em cada microrganismo a mesma vida que também nos anima...

... então poderíamos considerar-nos privilegiados, porque começamos a entender os processos mais elementais que se dão em seu seio, ou seja, no ventre de nossa Mãe Natura; mas que maravilhoso seria se penetrássemos no Templo em companhia de um Mestre que conhece os segredos que ela guarda e que poderia nos ajudar a decifrar os Arcanos, que para nós não deixam de ser um mistério, por mais

que nos consideremos os mais ilustrados.

A obra que tens nas mãos, amigo leitor, é um cofre encantado que contém as gemas preciosas da sabedoria de um grande Mestre, extraídas com a serenidade da reflexão, própria de um investigador incansável, cuja única meta é o SER, e por isso compartilha diariamente conosco, seus discípulos, a dita indescritível que se experimenta, passo a passo, nesse ascenso imparável até DEUS.

Mas, por favor, não me pergunte o quão sábio é o Autor, nem o quão grande é o Venerável Mestre LAKHSMI; porque para que tenha uma ideia, terias que acompanhá-lo várias vezes ao Templo da Mãe Natura, vê-lo oficiando na majestade do Altar e escutar seus sermões, que, mais que um banho de sabedoria, são verdadeiras cátedras para a consciência.

Queria de todo coração compartilhar contigo, ainda que fosse minimamente, parte do que pude captar, apreender e internalizar da mina inesgotável de conhecimento que tem o V.M. LAKHSMI; porém, tudo o que eu conseguisse expressar para você seria uma deformação da realidade.

Por isso recomendo que leias as próximas páginas e, se as consegues entender, voltarás a lê-las uma e outra vez até que hajas compreendido e queiras compartilhar com outros tuas profundas reflexões, porque também estarás te convertendo em um investigador.

*Eleuterio Martínez*

# Prólogo

---



Ao nascer em mim o propósito de entregar esta obra a meus leitores, e na esperança de que nela encontrem uma resposta e um auxílio para liberarem-se do batalhar das antíteses e impulsionar mais a carruagem do destino até a conquista do Amor do Pai Bem-amado, que habita em segredo no coração das pessoas nobres que aspiram, algum dia não distante, liberar-se do jugo do mundo tirano que explora suas ideias, suas forças, para fortalecer em cada pessoa os tentáculos ou raízes para impor sua tirania, seu egoísmo e, sobretudo, a ignorância; é o momento de empreender uma nova Epifania, levando todas as pessoas pelo caminho da LUZ, da SABEDORIA e do AMOR... !!!



# *Encontro com o silêncio*

---



Em uma noite escura e solitária penetrei na selva e despertei para o silêncio que ali havia; pude conversar com ele e me disse: “O que está buscando?”, e lhe respondi: “Busco alguém que me faça companhia e acho que é você”, e ele me disse: “Verdade? Não se dá conta que com você anda a solidão, e enquanto ela esteja com você não poderei lhe acompanhar?”, e eu lhe disse: “Ah! Então se deixo a solidão você me acompanha?”, e ele respondeu: “Se você deixar a solidão, busque ao silêncio, que ele lhe guiará”, e lhe disse: “Então... Por acaso não é você?”

Então me disse: “Sim, eu sou o silêncio, mas das noites do campo e do espaço, e você tem que buscar seu próprio silêncio. Ele lhe guiará até o que você está buscando.”

Eu não entendia totalmente o que ele queria me dizer.

Sentado em uma pedra fria, com a umidade da noite e ante tão enigmáticas palavras, fui entrando em um mundo diferente.

Observei... A solidão já não existia em mim, só havia uma intensa paz e um silêncio muito profundo, e disse para mim mesmo: “Quando eu sair daqui encontrarei novamente a solidão, essa personagem que é tão má companhia, aquela que faz reagir a minha mente, minhas emoções e meu instinto e que, por razões bem humanas, busco alguém que me faça companhia para falar o que não devo, escutar também sua história, afastando-nos os dois desta realidade e caindo desgraçadamente onde cada um conta uma verdade fictícia; onde cada um diz ter a razão; onde se busca fazer um reino com o dinheiro, com o poder e os prazeres, fugindo da verdade por nossas debilidades”.

Eu, sentado nessa pedra fria, fazia-me todas estas interrogantes

e me perguntei: “Encontrarei alguém que, com uma mente fria e reflexiva, escute meu relato?”. E a resposta que me dei foi que era muito difícil, mas talvez não impossível, e nesse mesmo instante me disse: “Para contar este relato em meu caminho a todas as pessoas que encontre, é-me muito dispendioso”; e em minha imaginação criadora, disse: “Não vou contar, vou escrever para que, algum dia e em algum lugar, esta história possa chegar em suas mãos, querido leitor.”

Mas aqui não termina o meu relato.

Depois que passaram todas as minhas dúvidas, disse para meu silêncio interior: “Olha, meu amigo, se desisto desse propósito, que dor, olha o que me espera; se sigo adiante, o que você tem para me ensinar?” E ele me respondeu: “Você encontrará consigo mesmo, com sua realidade, com a beleza do seu mundo interno, com o imperecível, e para não tomar mais seu tempo, direi que lá no fundo você encontrará a Verdade, mas não uma verdade fictícia, uma Verdade que lhe dirá o que você foi, o que você é e o que você será.”

Então eu lhe disse, levantando-me daquela pedra fria: “Em qual direção sigo meu caminho?” E ele me disse: “Não... Fica quietinho que quando seu corpo está quieto o Espírito anda, segue adiante!”

Voltei e me sentei, e disse a meu silêncio: “O que faço agora?” O silêncio não me respondeu, simplesmente me induziu a que seguisse sentindo.

De repente senti que meus sentidos e meu coração se conjugavam em um só para contemplar aquela paisagem semeada e cultivada pela Grande Realidade, fora do tempo, do peso e da distância.

Dizia para mim mesmo: “Qual será a razão que me obriga a viver no mundo das formas, da densidade e do tempo?”

Nesse momento compreendi: “É que eu também estou submetido à pena de viver!”

Voltei e me interroguei, e disse a mim mesmo: “Se todas estas coisas belas e lindas que contemplo, a aura dos mundos que me ilumina, quem criou tudo isso?”

E nesse instante vi essa Grande Realidade, essa Grande Verdade que, com sua Graça e com seu Amor, enchia de êxtase e de um Samadhi sublime a parte interna de todas as criaturas que nos



encontramos submetidas por nossa imperfeição aos mundos e às leis.

Adorando profundamente aquela Grande Verdade, regressei ao mundo das formas e exclamei bem alto: “Qual é a Verdade que neste mundo discutimos?”



# *O mundo rechaça a verdade*

---



Depois de alguns anos de haver conhecido a mensagem crística, e com muita insistência tentando de difundi-la e vivendo o rechaço das massas para com ela, decidi entrar no Templo para, em oração e meditação, perguntar sobre a razão pela qual a humanidade não está disposta a aceitar essa Verdade.

Passou um dia, passaram dois, talvez três, quando vi que na praça de uma grande cidade, as pessoas se amontoavam cantando e declamando a um Rei do Mundo.

Aquele Rei tinha muitas caras, tantas quanto a quantidade de pessoas que o seguiam.

Para cada pessoa que se aproximava, ele usava suas próprias palavras, seus próprios gestos e, por fim, seu olhar.

Cada pessoa que falava com ele, expressava seu sentir e admiração, e dizia: “Eu o entendi, sinto-me bem com ele.”

Eu, indignado e um pouco impulsivo, me dizia: “Não é possível! Não consigo identificar este personagem. Quem será? É que ele tem tantas caras! Quero falar com ele, mas... Qual será seu verdadeiro rosto? Não quero que me engane como a estes pobres miseráveis que não se deram conta que, a cara que fala com uns, não é a mesma que fala com outros”, e disse a mim mesmo: “Vou falar com ele.”

Aproximei-me dele... meu cumprimento foi: “Como está, senhor?”

E ele respondeu: “Muito bem, sinto como se fosse o Rei desse povo.”

E lhe perguntei: “Quem lhe fez Rei e como pode demonstrar?”

E com grande orgulho e vaidade, disse: “O mundo me fez Rei e para cada uma dessas pessoas tenho minha própria verdade”.

E eu lhe disse: “É que existem muitas verdades? Por acaso... não

há apenas uma?”

E ele respondeu: “Cada pessoa tem uma verdade, depende de como fale com ela”.

E lhe perguntei: “A verdade, por acaso não é Deus?”

Eufórico e soberbo me replicou: “Então você não acredita que eu, para esses imbecis, sou seu Deus? Eles fazem o que lhes imponho e vivem como eu quero, porque acreditam em mim, têm fé em mim; quando cometem um delito mas se portam bem comigo, eu lhes perdoo.”

Eu lhe respondi: “Não concordo com suas ideias; tenho em minhas mãos a Mensagem Crística que redime ao homem.”

Ele, enfurecido, chamou a multidão e lhes disse: “Destruam este imbecil que quer me eliminar”.

Alguém se aproximou dele e disse: “Com qual arma quer lhe eliminar?” E ele respondeu: “Com a verdade unida em uma só. Isso seria catastrófico para meu sistema. Eu manejo a ignorância das massas para que, com minhas palavras e minhas caras, vejam o mundo como as minhas verdades”.

Eu, nesse momento, fiquei reflexivo, mas não derrotado.

Disse-me: “Tenho que saber quem é este personagem”.

Fui penetrando em esferas superiores de conhecimento e compreensão e compreendi que esse personagem manejava a política do mundo e, portanto, aos políticos que, sem consciência e sem alma, enganam a um povo que se reveste com sua própria ignorância e se deixa impor, como disse o poeta: “aquelas verdades amargas que, em vez de serem doces, são como fel”.

Novamente, indignado e cheio de coragem me aproximei do personagem mencionado e lhe disse: “Canalha, trapaceiro, mentiroso! Você engana este povo, esta humanidade, porque não buscam Deus e acreditam nas pessoas”.

E me respondeu: “Isso que você está dizendo é falso, porque todas essas pessoas, sim, buscam Deus”.

E eu lhe disse: “Como pode provar isso?”

E ele, demonstrando seu poder sobre o povo, disse às multidões: “Meu povo! Vamos demonstrar a este imbecil e covarde onde

está meu poder. Vamos para a Igreja, vamos rezar e dali sairemos fortalecidos para seguir lutando e levando este povo ao poder, porque eu sou o Rei.”

Nesse momento vi as pessoas entrarem em suas igrejas para pedir ao Deus de sua crença para que seu Rei triunfasse, e eu dizia para mim mesmo: “Que triste é ver uma humanidade em decadência espiritual, divorciados totalmente desse Deus-Criador, pedindo nos altares que seu candidato ou seu rei da terra triunfe, sem querer dar-se conta que este personagem ou personagens estão a serviço de um reinado do mundo que é diametralmente oposto ao reinado do Cristo, que é do Céu.”

Os reis do mundo manejam a humanidade com violência, com fome, com exploração, com ameaças e com sangue.

O reino do céu maneja seu povo, seus filhos, com abundância, com Amor, com Paz e com Sabedoria...



# *As duas caras da cidade em que vivemos*

---



Viajando por este longo caminho da vida, aprendendo dela o que considere que me servia e o que pode servir a essa irmã querida que tenho, que se chama: “a HUMANIDADE”, vi tantas coisas como a que em meu relato tratarei de ilustrar.

Entrando em uma grande cidade, quis conhecer os locais mais relevantes do governo, dos religiosos e dos endinheirados.

Ficava verdadeiramente maravilhado e me dizia: “Tantas coisas boas que podem ser feitas com a vontade e o dinheiro! Que cidade tão linda! Carros de último modelo, reinados, beleza, grandes investimentos feitos para mostrar uma cidade avançada”; e eu me dizia: “Se estes são atributos próprios desta cidade e destas pessoas, eu quero morar aqui”.

Fiz os preparativos para fazê-lo, mas me disse: “Vou conhecer melhor esta cidade e as pessoas”.

Fui atrás do Palácio do Governo e ali vi desordem, violência e pobreza.

Fui atrás da Igreja mais luxuosa da cidade e encontrei muitas pessoas mendigando umas migalhas de pão, sem um batismo, sem uma nacionalidade, porque careciam dos recursos físicos e econômicos.

Quis visitar a prisão e encontrei centenas de pessoas que, por violarem a lei, ali estavam, e me disse: “Haverá hospital?”

Procurei, entrei nele e encontrei um grupo de médicos lutando com centenas de enfermos, mas sem recursos. Isto me decepcionou e fui ao parque dessa cidade fazer-me as seguintes perguntas: “É uma lástima esta cidade tão bela, mas sem justiça, porque o Governo não zela pelos desprotegidos! É uma lástima esta cidade tão bela, mas sem amor, porque os religiosos não querem ver esta miséria humana! No

entanto, predicom em nome de Deus; discriminam as pessoas em nome de Deus; perseguem as pessoas em nome de Deus; caluniam as pessoas em nome de Deus e, o pior de tudo, é que ao ignorante lhe impõem um Deus antropomórfico que seja como eles querem que seja e não como é”.

Vendo esta miséria humana, disse: “Como nesta cidade há tanta discriminação, vou buscar um lugar para repartir com os pobres umas migalhas de pão, uns remédios e, sobretudo, um lar”.

Para isto, escolhi as crianças desamparadas e algumas delas as levei desnutridas, farrapentas e ignorantes. Mas sabe, querido leitor, qual foi minha surpresa? Foi que em um dia qualquer, alguns religiosos da cidade reagiram e foram em busca daquelas crianças e os encontraram onde já tinham um lar, tinham saúde, tinham alimento. Foram retirá-las, alegando que as crianças pertenciam a eles por sua religião; por serem um patrimônio herdado de geração em geração, vivessem como vivessem”.

Isso me fez refletir e quis saber seu profundo conteúdo. Meditando e compreendendo isto, cheguei a uma conclusão e é a seguinte: “Esses personagens sustentam um império no mundo e, assim como a planta do jardim se alimenta de um adubo para dar suas flores e embelezar os campos, estes sistemas e pessoas necessitam do ignorante e do pobre infeliz que se debate na miséria para que possam eles, sobre estes escombros da sociedade, levantar e mostrar ao mundo seu imenso poder.”

Irmão leitor, a sociedade está desmoronando em diferentes níveis e sistemas, os quais só servem para aumentar a dor, a ignorância e a violência.

Minha reflexão é que:

“O homem sábio deve ser livre para poder guiar-se pela voz interna de sua consciência e chegar algum dia a encontrar a origem do que foi, do que é e do que aspira ser...”.



# *Análise e compreensão do caminho*

---



Em todo este “ir e vir” das coisas, cada um de nós chegará a diversas conclusões:

“O mundo não está composto de um sistema, senão de muitos sistemas, e isto é lógico, tem uma resposta. São associações psicológicas do mundo para reunir por afinidades a todas as pessoas que nele habitamos”.

Quando alguém compreende isto, vê a necessidade de produzir dentro de si seus sistemas de trabalho e de vida; portanto, todos seus atos e suas ações os submetem a análises e à compreensão.

No caminho da vida nos encontramos com pessoas que vão e outras que vem. Nós não podemos dizer que vamos, nem que viemos. Tudo depende do que perseguimos, do que buscamos.

Em cada extremo deste caminho se encontra um objetivo, o qual podemos decifrar assim: “O céu ou o abismo”, portanto, quando uma pessoa vai do céu ao abismo e se encontra com outra que vai em sentido contrário, o mais usual é dizer: “Este vem e eu vou, ou vice-versa, mas... De onde vem e para onde vai?”

Alguém sentado em frente a um Altar viu que um Anjo descendia e disse: “Aquele Anjo vem”, mas o Anjo, olhando quem estava no Altar, disse para si mesmo: “Aquele homem vem”.

Quem ia em direção a quem?

Querido leitor, você pode dizer que o Anjo vinha até o homem; também poderá dizer que o homem ia até o Anjo, mas a realidade é que eram duas consciências que se buscavam por uma lei de afinidade.

O Demônio não pode vir até nós se em nós não existem seus Eus afins.

Nós não avançaríamos até o Demônio se em nós não existissem essas criaturas infernais que executam o mal.

Estando Shu, Kiu e Wu em profunda meditação, Shu disse: “Vou observar um pensamento”; Kiu disse: “Eu vou observar o pensador” e Wu disse: “Interessa-me mais quem pensa.”

Quando Shu viu o pensamento, viu ver que flutuava sobre a cabeça de Kiu; quando Kiu quis observar o pensador, viu que flutuava sobre a cabeça de Wu; quando Wu quis observar aquele que pensava, observou que sobre a cabeça dos três divagava uma teoria, uma ideia e uma leitura.

Em qual das três está a razão?

E Shu respondeu: “Dessas três podemos formar uma escola. Com a teoria ensinamos o que pensar”.

Kiu disse: “Com a ideia impomos o princípio”, e Wu disse: “Com a leitura os confundimos”.

São três sábios que, querendo investigar o próprio, descobriram o assento de um dogma para pôr a raciocinar a todos os seus crentes.

Deixaram isto para aqueles que não queriam investigar, para que outros o impusessem se assim o quisessem e nasceu para o mundo um dos grandes passatempos sem fundamento, sem doutrina e sem Amor; e disseram entre si: “Continuemos até que tenhamos encontrado o que em si nos dará a iluminação”, e Shu disse: “Quero investigar o vazio”, e Wu disse: “Quero penetrar no silêncio”.

Shu, em êxtase, foi ao espaço e não encontrou nada que lhe fizesse oposição e disse: “Aqui está a Liberdade”.

Kiu, em êxtase foi ao vazio e não encontrou oposição, e disse: “Aqui está a Liberdade”, e Wu, em êxtase, foi ao silêncio e ninguém o perturbava senão seus próprios movimentos, e disse: “Aqui está a Liberdade”.

Todos regressaram de suas viagens, cada um com sua conclusão. Shu disse: “A Liberdade está no espaço”, Kiu disse: “A Liberdade está no vazio” e Wu disse: “A Liberdade está no silêncio”, e os três escreveram:

**“O Espaço nos dá a Liberdade,  
O Vazio nos dá a Iluminação e  
O Silêncio nos dá a Integração com Deus”.**

# *Falando com meus sentimentos*

---



Meditando nestas coisas da vida, quis decifrar meus sentimentos e descobrir o que é que busco, o que é que quero e, sobretudo, o que é que me serve, porque creio que todos os meus semelhantes também buscam no enigmático da vida algo que lhes dê a resposta a isso que nem os pensamentos, nem os sentimentos lhes deram.

Já subi nas montanhas e já andei nas planícies; já li na história as façanhas dos Próceres; já conheci a amargura dos mais desventurados e, finalmente, convenci-me de que ninguém me daria a resposta que minha consciência necessita.

Foi assim que resolvi sentar-me ao pé de um córrego cristalino e puro para vê-lo deslizar-se, produzindo seu natural arrulho.

Dentro dessas águas se moviam centenas de peixinhos que, sem pensar em nada, ali se alimentavam, e disse a mim mesmo: “Por que eu sou assim como sou, tão raciocinativo, tão pessimista e, sobretudo, com tão pouca fé?”

Resolvi lançar-me às águas e nadar como os peixes.

Bebi e bebi muito dessas águas até que saciei minha sede; logo saí dali e empreendi minha viagem à montanha por um caminho rochoso e difícil, tentando chegar até o cume e dali ver as planícies e também elevar-me até o espaço como as aves voadoras e contar a todo aquele que encontrasse que se tomassem das águas puras desse rio, acalmariam a sede para sempre e poderiam empreender a viagem rumo à conquista das alturas, compartilhar com as aves voadoras, extasiar-se com o perfume dos campos e presenciar o amanhecer de um novo dia.

Nessa viagem longa e sem regresso, conversar frente a frente com

a terra, com as águas, com o ar e com o fogo, e dizer-lhes que deles sou parte, mas que, por vontade divina, elevar-me-ei às esferas e tocarei a harpa cantarina que me dará as notas de minha orquestrada voz e com este arrulho elevarei minha alma até os pés do Arquiteto dos dias... DEUS!

*V.M. LAKHSMI*



# *Reflexões de um Investigador*



# 2

*V.M.Lakhsmi*



# Apresentação

---



A presente obra intitulada: “Reflexões de um Investigador 2”, do V.M. Lakhsmi, traz-nos à memória a recordação de nossa infância, quando nossa mãe física nos contava as fábulas das “Mil e uma Noites” e nós íamos com a imaginação aos lugares descritos pelo autor.

Não nos cabe a menor dúvida de que os ensinamentos dados através dos relatos chegam mais facilmente à compreensão do leitor e é verdadeiramente lindo saber que existe alguém no mundo capaz de adentrar-se no mundo da Mente Cósmica para extrair da Inteligência Universal os ensinamentos que, com tanto amor e ternura, o V.M. Lakhsmi nos traz para incentivar e cultivar nossa consciência que, como uma criança, espera todos os dias esse estímulo e orientação para poder crescer e sentir-se cada vez mais integrada com a Natureza, com o homem e com o meio que a circunda.

A experiência que nos mostrou a vida em relação ao V.M. Lakhsmi nos faz comprovar que quando um indivíduo integra em si as diferentes partes autônomas de seu próprio Ser e, sobretudo, encarna o Buddhi ou Alma Feminina, o tipo de manifestação, de expressão e comportamento muda radicalmente, e por isso sentimos em nosso interior a grande Realidade dessa linda frase do V.M. Lakhsmi, que diz: “Se há uma coisa pela qual vale a pena viver e lutar, é pelo Ser.”

*Juan Capasso*





# Capítulo 1

## *O sono da cidade*

---



Em uma noite qualquer, quis percorrer a cidade para conhecer o que ali havia; andei pelos parques, pelos bairros, pelas ruas e observava as pessoas.

Cada um com sua história, cada um com suas coisas e eu me dizia: “Esta cidade dorme porque amanhã haverá muita atividade”. Avancei até onde havia muitos personagens importantes dentro da sociedade. Encontrei-os brindando pelos prazeres.

Foi fácil para eu distinguir e identificá-los pelo esbanjamento de palavras e de dinheiro, e eu me dizia: “Estas pessoas amanhã estarão em seus escritórios atendendo as necessidades do povo. Qual atitude terão ante o clamor dos necessitados?”.

Não tive nenhuma explicação. Fui novamente ao parque, sentei-me para observar o que se passava, quando vi que vinha um personagem observando-me nessa atitude serena, aproximou-se e me disse: “O que você está fazendo aqui?”, e lhe disse: “Observando as pessoas que, desde cedo, recolheram-se em seus lares para seu descanso e observando a muitas outras compartilhando seus prazeres com seus amigos”, e o personagem me disse: “E porque você não faz o mesmo? Por acaso não sabe que a noite nos brinda tantas oportunidades que devemos aproveitar?”. E eu lhe disse: “Quais são essas oportunidades?”, e ele me disse: “Milhares de pessoas vão a seus refúgios logo cedo para ver seu programa favorito; outros para satisfazer prazeres; outros para fazer as contar de seus dividendos. Isto se chama sonho, e não há coisa mais linda que sonhar. Outros vão às ruas, sobem e descem, vendo o descuido de algum dos que dormem para conseguir o pão de cada dia, que seria o fruto de dois sonhadores;

outros, nos cabarés, compartilharão uma taça de vinho para logo se entregarem à embriaguez de suas paixões em um sono profundo, por isso me chama a atenção tua atitude. Você não se deu conta que quando alguém dorme, sonha e desfruta de suas próprias fantasias?”.

Eu lhe respondi: “Eu não quero dormir mais para não sonhar”, e ele me respondeu: “Isso você não pode fazer, porque o sono é tua própria necessidade”. E eu lhe disse: “Quando a consciência se emancipa, o sono não se apresenta, porque o sono da consciência é próprio de personagens que andam fascinados pela ilusão passageira deste mundo”, e ele me disse: “Se insiste em tua vaidade fantasiosa, lançarei em ti todo meu feitiço e te produzirei um sono tão profundo, pior que o destas outras pessoas”. E eu lhe disse: “Você não pode contra mim! Porque tenho vontade para fazer frente a mim mesmo e a você; inteligência para detectar tua mentira e compreensão para saber o que devo fazer”.

O personagem permaneceu um pouco em silêncio e disse: “Sei que não vou conseguir fazer nada contra você, mas, por favor, não diga nada a estes que andam adormecidos, porque esta cidade é minha e eu produzo nela e nas pessoas os sonhos que lhes permitirão desfrutar da vida sem absterem-se nem privarem-se dos prazeres e de tudo o que eu lhes brindo, para que cada um viva feliz. Sou o dono da cidade e por isso, durante as noites, ando pelas ruas olhando as pessoas como, sem me conhecer, obedecem-me; como, sem falar nada, compreendem-me, porque meu feitiço envolve a consciência delas e, dessa maneira, sempre exercerei sobre eles a minha própria vontade”.

Eu, nesses momentos, me sentia compungido dizia: “A qual destas pessoas poderei contar esta história? Qual delas me escutará? Para que compreenda que nesta cidade todos dormem”.

Fui então ao campo e dali observava as luzes do povoado e eu me dizia: “Que dor! Tantas luzes que existem ali iluminando os sonhos das pessoas” e, neste momento, compreendi e disse a mim mesmo: “Por isso as pessoas, pelo simples fato de abrirem os olhos e verem, acham que andam despertas”.

## Capítulo 2

# *Minha viagem ao campo*

---



Em um dia de primavera, saí à rua e vi tanto vai-e-vem das pessoas, casas, ruas, edifícios, carros, pessoas convulsionadas por seus afazeres, e disse a mim mesmo: “Nesta cidade eu me sinto bem, mas não queria fazer o que eles fazem, não tenho porque andar com pressa, não tenho porque cruzar ante o afã que carregam as pessoas. O que fazer? Onde poderei estar tranquilo?”.

Pensei em uma Igreja, porém me disse: “Ali também há muitas pessoas pedindo a Deus que lhes perdoe o que elas não quiseram corrigir. Encontro a um sacerdote disposto a perdoar meus piores erros, porém talvez nem ele tenha sido perdoado”.

Pensei em ir a meu quarto, à minha recâmara, a guardar silêncio e estar quieto, mas me disse: “Como posso viver em paz enquanto a pobre humanidade vive em uma guerra psicológica?”.

Pensei em procurar algumas pessoas para compartilhar com elas minhas ideias, mas disse a mim mesmo: “Quando aquelas pessoas escutem minha história irão dizer: Onde podemos ir para encontrar a paz?”. É claro que não terei uma resposta. Preciso primeiro conhecer esse lugar, e me disse: “Vou para o campo”.

Saí da cidade, adentrei-me na savana e encontrei muitos animais que comiam, viviam na planície.

Continuei minha viagem até adentrar na selva. Ali encontrei rios de águas cristalinas deslizando-se para banhar os campos; encontrei árvores floridas, palmeiras, e eu me dizia: “Que lindo tudo isso! Parece que alguém os cultivou”.

Cansado, resolvi descansar encostado em uma enorme árvore. O sono estava chegando quando senti que alguém me movia, e vi uma

criatura de indescritível beleza que queria falar comigo, mas que ao mesmo tempo me expressava medo, e eu lhe disse: “O que quer?”, e ele me respondeu dizendo-me: “Quero que me diga o que devo fazer, porque esta árvore é meu corpo físico, eu gosto muito dele e o necessito, mas me contaram que sempre que um homem tenha vindo a este campo, foi para derrubar as árvores, cortar as plantas, e temo que você seja um deles”.

“Quisera, já que você está aqui e podemos conversar, que me dissesse por que fazem isso conosco, se as árvores, as plantas, assim como os homens, também queremos e necessitamos viver. Sentimos terror e dor quando nos destroem, contudo, não guardamos ódio nem ressentimento por isso, já que, a nós, nos campos, nos ensinaram que o homem é o Rei, ao qual devemos obediência e respeito.”

“Como você é um deles, te peço que fale com os homens e lhes diga que nós, nos campos, os amamos muito, gostamos deles e os respeitamos e, portanto, o direito e o poder que exercem sobre nós, as árvores e as plantas, que não os exerçam para nos destruir, senão que nos cuidem, que nos respeitem para que as selvas e os bosques acompanhem ao homem em sua viagem, para que a agitação da cidade, o afã e a insegurança sejam compensados com a tranquilidade, a paz e a segurança do campo.”

Eu disse a ele: “Tratarei de fazer cumprir suas recomendações, porém, o que faço com as pessoas que não me escutam e não obedecem?”. E ele me disse: “Bem... O que fazer? Que eles nos destruam! O importante é que você não faça isso, pois já compreendeu que somos seus irmãos menores, que aspiramos cumprir com a Lei da Vida e com a Lei de Deus”.

### **“VIVER PARA SERVIR” UMA ÁRVORE!**

# Capítulo 3

## *O Mestre que ensina a seus discípulos*

---



O Monastério estava em uma grande atividade. Os monges viviam atentos aos ensinamentos do Mestre. Um dia qualquer, todos se levantaram e esperaram, como era costume, que o Mestre saísse para saudá-lo e perguntar de quê necessitava.

Passaram as horas e o Mestre não saía até que um monge disse: “Vamos ver o que está acontecendo”. Entraram em sua recâmara e o encontraram meditando. Estava nu e fazia muito frio.

Ao sair, disseram: “Que estranho, o Mestre está meditando e nu”. Alguém falou: “Será que está passando mal?”. Outro disse: “Possivelmente quer lacerar sua matéria com o frio que está fazendo”.

Nesse momento, o Mestre saiu e todos lhe disseram: “Bom dia!”. Ele não respondeu. Voltaram a dizer: “O Mestre está mal”.

Alguém se aproximou e disse: “Mestre, o que está acontecendo?” e o Mestre lhe disse:

“Compreendi que meus discípulos vivem porque eu vivo, comem porque eu como, andam porque eu ando, porém, quando eu olho o céu, eles olham a terra; quando empreendo viagem ao infinito, somente me olham ir; quando eu regresso, eles se vão. Não entendo essa atitude.”

Os monges lhe dizem: “O que devemos fazer?”.

O Mestre disse: “Vamos à fonte, bebemos dela e nos banhamos”.

Alguns discípulos disseram: “Eu não tenho sede, e com esse frio não quero me banhar”. Contudo, foram à fonte com o Mestre. Quando

regressaram dali, disseram: “O que mais vamos fazer, Mestre?”.

O Mestre, observando ao redor, disse: “É necessário limpar o Monastério”, e todos contestaram: “Já está limpo”. E voltaram a dizer: “O que fazemos, Mestre?”, e o Mestre lhes disse: “Tomem posição cada um, guardem quietude, guardem silêncio porque necessitamos fazer tudo, já que ainda não começamos. Recordem-se, meus queridos discípulos, que aquele que não faz nada, nada fica sem fazer”.

Os monges não suportaram este ensinamento porque não entendiam e lhe disseram em coro: “Mestre, este ensinamento não tínhamos ouvido. Queremos conhecê-lo. Por que nos manda beber da fonte se não temos sede? Por que nos manda banhar com tanto frio? Por que nos manda limpar o Monastério se está limpo? Por que nos manda ficarmos quietos tendo tanto trabalho e nos diz que aquele que não faz nada, nada fica sem fazer?”.

O Mestre lhes disse: “Meus filhinhos, vocês não têm sede porque a água que tomaram foi para satisfazer as necessidades do corpo, mas sua alma não sacia a sede senão com as águas cristalinas de sua própria fonte; seus corpos têm frio porque não se banharam com as águas aquecidas de seu próprio manancial; o Monastério o veem limpo porque não tiraram o lixo que há em seu interior; dizem que têm muito o que fazer porque a mente lhes impõe seus ofícios; não querem compreender que, quando estão quietos e em silêncio, veem suas necessidades interiores e podem ordenar seus ofícios e afazeres”.

Nesse momento, todos os monges se sentaram em perfeita quietude. O Mestre observa. Era noite. Em poucos instantes, o Mestre saiu com uma vela acesa e a entregou a cada um, menos a um deles.

Eles receberam sua vela e disseram: “Para quê faz isso?”, e ele lhes disse: “Meus filhos, lamento que em sua quietude e em seu silêncio não olharam para dentro, somente olharam para fora, portanto, tomem essa vela para que iluminem seu caminho e sigam pela vida”.

E lhe disseram: “E a este? Por que não lhe dá uma vela?”. E o Mestre disse: “Porque ele olhou para dentro e não lhe interessa seguir pelo caminho que até hoje havia andado. Ele já tem sua luz, portanto,

fará tudo bem”.

O Mestre se retira à sua recâmara e toma a mesma atitude. Quando os monges foram ver-lhe, o encontraram meditando, sentado e nu, e disseram: “Quando o Mestre despertar vai nos dar outros ensinamentos novos ao amanhecer o novo dia”.

O Mestre se levantou na hora de costume. Os monges lhe saúdam e ele responde: “Aqui estamos convosco para começar de novo, porque assim como as aves vivem cada dia dos frutos do campo e da graça de Deus, nós também devemos viver dos frutos de nossas vinhas e da graça de Deus. Como nossas vinhas não dão fruto, mas temos a graça de Deus, vamos semear nossas sementes de vinhas, de figueira e de trigo, porém, até que não haja frutos dessas semeaduras, não poderão comer nenhum fruto e terão que sustentar-se da graça”.

Os monges lhe disseram: “Estes frutos demorarão muito para produzir e morreremos de fome”, e o Mestre disse: “nunca um Caminhante do Sendeiro da Redenção morrerá de fome, porque nele sempre haverá uma esperança, uma fé e uma vontade que quer dizer DEUS!”.





## Capítulo 4

# O mundo das ninfas

---



Estando na relva dos campos florescidos, querendo investigar o que ali havia, ao notar que só se escutava o canto de umas poucas aves que diziam orações dirigidas ao espaço, aos campos, à rainha do lugar, eu me dizia: “Estas aves cantam, voam e vivem felizes. Aqui neste campo, eu me sinto só, sem inspiração para cantar e sem ter com quem compartilhar”, e ainda assim me dizia: “Pode ser que estes campos tenham uma alma à qual eu possa perguntar os mistérios que isto guarda”.

Era muito difícil para eu penetrar até esse mundo, porém, com minha inspiração, minha fé e minha vontade, fui conseguindo.

Primeiro me apareceu uma estranha criatura que, com sua voz entrecortada, me dizia: “Eu vivo nestes campos há muito tempo acompanhando estas criaturas que aqui habitam, mas trago a alma despedaçada de ver que aqui se sofre também, se luta muito para poder sobreviver, contudo, com Amor o temos feito em obediência a uma Lei da Natureza”.

Manteve um pouco de silêncio e eu lhe disse: “Por que se sente compungida e triste?”. E ela me disse: “Fomos perseguidos, fomos maltratados e muitos de meus companheiros morreram deixando seus filhinhos sós à mercê da miséria, da fome e da morte...”.

Guardou silêncio e compreendi que sua dor a impedia de seguir narrando esta história, e eu lhe disse: “Não entendo, quem os persegue aqui nesta relva, neste campo, neste afastamento?”.

De certa forma, se recusava a me responder, porém continuou dizendo: “Não protesto contra os que têm feito isso, digo que os homens, nossos irmãos maiores, nos matam, nos destroem

impiedosamente, e tivemos que nos afastar deixando estes campos para nos isolar em lugares mais seguros”.

Eu compreendia a dor que a embargava, e disse: “Seria possível que você me ajudasse a conversar com outras mais?”. E me disse: “Sim eu posso, sob a condição de que você nos ajude a conservar estes campos e a todos os que aqui vivemos, já que é nossa casa, nosso lar, onde nos sentimos bem”.

Disse: “Falemos com os demais”, e ela exclamou com grande voz um som misterioso que eu entendia que dizia: “Ninfas do Campo! Rainhas da Relva! Venham aqui para conversarmos”.

Apareceram milhares de criaturas de diferentes estaturas, algumas com sua voz entrecortada, respondendo a nosso interrogatório. Que surpresa a minha! Quando, ao narrar sua história, me dizia alguma delas: “eu era um ursinho brincalhão que andava com a minha mãe. Quando o caçador chegou, minha mãe fugiu. Eu não pude fazê-lo. Me alcançou e me matou”.

Toma a palavra outro dizendo igualmente: “Eu era uma gazela. Eu me divertia cruzando a planície com grande velocidade, porém o homem caçador me vigiava, até que me matou”.

Seguem aparecendo outras histórias, e chega uma e disse: “Eu era um golfinho que brincava entre as águas. Embelezava a paisagem com meus companheiros, porém uma bomba estourou matando todos nós”.

Eu me dizia: “O que acontece agora que estas criaturas já não têm corpo físico? São elementais que vivem no mundo do além”. Quis perguntar a um deles: “O que você vai ser agora?”, e ele me disse: “Não sei, pergunte a meu Deua que eu também quero saber”.

Dirigi-me ao personagem com quem iniciei a conversa e lhe disse: “O que vai acontecer com o que era o ursinho brincalhão, vai voltar a ter um corpo físico?”. E o Deua me respondeu: “Pode ser que sim, embora sua espécie já esteja extinguindo-se e não pode vir em outra espécie”.

Perguntei: “E este que era a gazela veloz, voltará?”. E o Deua me disse: “Praticamente impossível, porque essa espécie também se extinguiu”. E lhe disse: “O golfinho brincalhão, voltará?”. E me

disse: “É possível, embora estes rios estejam já contaminados e os homens exterminem o que veem”.

Nesse momento, ao ouvir o interrogatório, milhares de criaturas se aproximaram do Deua e lhe disseram: “Quer dizer que todos nós que fomos mortos, já não voltaremos mais?”. E o Deua respondeu: “Enquanto os irmãos maiores, o homem, não deixem sua perseguição contra nós, será muito difícil, porque não há lugar seguro aonde não cheguem para destruir”.

A relva se estremeceu com essas palavras, as nuvens se aglutinavam, ouviam-se trovões e os bosques rugiam como que querendo dizer: “Vamos proteger a relva com suas vidas para que o homem não as siga destruindo”.

Eu me dizia: “Se o homem não matasse as vidas nestes campos, que diferente seria!”. E disse a mim mesmo: “Como fazer para viver aqui, em companhia de todas estas vidas que creio que são minhas amigas?”, e exclamei bem alto, dizendo: “Quero saber se todas estas criaturas que aqui habitam, querem que eu esteja com elas”.

Comecei a sentir aromas de diferentes tipos, corria um ar puro, as árvores se moviam como que querendo dizer que se sentiam felizes, e eu me disse: “Quando eu era criança e entrava no bosque, sentia esses aromas, ouvia o silêncio, as árvores se alegravam, mas quando cresci esses fenômenos se afastaram de mim”. E disse: “Por que isto se passou?”.

E uma grande voz que representa o bosque me disse: “Quando você era criança, era inocente e são; quando cresceu, por imitar os outros, também nos perseguia e nos matava. Hoje, que já matou esses instintos, volta a nós e nós vamos até você, portanto diga aos seus irmãos, os homens, que enquanto não tenham mente como mente de crianças, não conhecerão os mistérios do reino dos céus”.

## **A RELVA!**



# Capítulo 5

## *A cidade da paz*

---



Depois de haver passado muitos anos andando pelo mundo, conhecendo gente, conhecendo cidades e povos, sem haver encontrado uma sociedade tranquila, uma cidade em paz, resolvi estudar os códices mais antigos da sabedoria oculta para saber se ali encontraria alguma orientação para buscar um mundo novo, uma sociedade em paz e, sobretudo, uma cidade tranquila.

Encontrei algumas chaves, porém, todas me diziam que eu encontrava o mundo descomposto porque assim eu andava; que não havia nenhuma cidade tranquila porque na minha mente não havia paz.

Entrei em uma grande confusão, e me disse: “Quando transformarei o mundo, quando se transformará a humanidade, quando se transformará a cidade para eu viver em paz?”. Minha resposta foi: “IMPOSSÍVEL!”.

Empreendi por um caminho que alguns me diziam que me levaria ao mar; outros me diziam que esse caminho me levaria a uma grande cidade; outros diziam não saber aonde iam e eu disse a mim mesmo: “Seguirei este caminho até ver onde termina”.

Muito adiante, encontrei-me com uma anciã e lhe disse: “De onde vem?”, e ela me disse: “busco a um filho que há muito tempo anda viajando e quero encontrá-lo para levá-lo a viver lá comigo”.

Eu lhe disse: “Esse filho estará por estes lados?”, e ela me disse: “É possível, porque este é o único caminho que vem desde o mar, de onde ele um dia veio”. Eu lhe disse: “Que distância há daqui até o mar?”, e ela me disse: “Está aqui mesmo, atrás desta montanha”. Eu disse: “Continuarei meu caminho”, e ela me respondeu: “Iremos os dois porque intuo que esse filho é você, que já não me reconhece”.

Fomos os dois até o mar, e me disse: “Aqui vivíamos os dois, mas você saiu e empreendeu sua viagem. Eu lhe esperei muito tempo até quando resolvi ir lhe buscar. Eu estava indo e você estava vindo porque essa era a vontade dos dois. Quero que beba desta água até que sacie sua sede”.

Eu lhe disse: “O que tenho que fazer?”, e ela me disse: “Necessita de um ATANOR para que lhe ajude a beber as águas, logo empreenderás este caminho até subir essa montanha. Desde ali verá o caminho que tem que seguir para conseguir a paz”.

Eu disse a ela: “Mulher estranha, quem é você?”, e ela me disse: “Sou a Mãe do oceano”. Eu respondi: “Como é isso que antes me disse que era minha mãe, e agora me diz que é a Mãe do oceano?”, e ela me disse: “Acaso ignora que você e o oceano são irmãos, e que ele veio primeiro que você e que você emergiu dele?”.

Eu, sem entender tão enigmáticas palavras, lhe disse: “Mulher, por que não me acompanha pelo caminho que me ensinou?”, e ela me disse: “Já havendo bebido dessa água, pode percorrê-lo só porque não vai ter fome nem sede, e não se esqueça de que, ao subir a montanha, encontrará a cidade da paz. Lá está meu esposo, que, ao chegar, lhe reconhecerá”.

Eu, um pouco confundido porque não entendia, empreendi esta estranha viagem. Ao começar a subir, fui ficando encantado porque encontrava pedras preciosas de várias cores e dizia a mim mesmo: “Que estranho! Sendo esse um caminho por onde passam muitas pessoas, não as levaram”, e neste momento, escutei uma estranha voz que me dizia: “Por este caminho ninguém além de você passou. É seu caminho, não o dos outros, e essas gemas representam sua Alma”.

Continuei minha viagem. Ao chegar em cima da montanha, avistei aquela grande cidade e disse: “Quero chegar rápido lá”. Avancei até que cheguei a um lugar onde havia alguns cães raivosos, como que guardavam a entrada da cidade.

Saindo, o guardião que custodiava a entrada me disse: “Não se aproxime porque estes cães podem lhe destruir”. E eu lhe disse: “É que vou à cidade da paz”, e ele me respondeu: “Para passar daqui tem que trocar suas roupas”. E eu lhe disse: “Não tenho mais que a que

levo posta”, e ele me contestou: “Faz muitos séculos que você passou por aqui e deixou guardadas suas roupas com as que vivia na cidade da paz. Vou trazê-las”.

Que surpresa a minha! Quando vi que a anciã Mãe dos mares, que havia ficado no mar, me passava uma estranha vestidura, e eu lhe disse: “Mãe! Como fez para chegar aqui?”, e ela me disse: “Não se surpreenda, é que meu caminho é mais curto. Tire estas roupas que tem, banhe-se nesta ducha, põe este traje e segue seu caminho”.

Eu assim o fiz e logo lhe disse: “O que faço com a roupa que trazia?”, e ela me respondeu: “Joga aos cães para que a devorem e segue seu caminho”.

Passsei o umbral da cidade. Em poucos momentos comecei a transitar por suas ruas. Vi algumas pessoas, mas, que estranho! Tinham o mesmo rosto, a mesma estatura, a mesma idade.

Acerquei-me a um deles e lhe disse: “Como está, senhor?”, e ele me respondeu: “Aqui vivemos bem e em paz”.

Avancei até outro, o cumprimentei e me respondeu: “Aqui vivemos bem e em paz”.

Meu assombro era espantoso. Avancei muito até o centro da cidade e quis interrogar outro personagem e ele me respondeu igual: “Aqui vivemos bem e em paz”. Perguntei por que nessa cidade todas as pessoas tinham o mesmo rosto e ele, levantando-se, me apontou o púlpito do Templo que havia ali e me disse: “Pergunte a esse ancião que está lá qual é a razão deste fenômeno”.

Eu fui ao templo e encontrei um ancião venerável, mas que tinha o mesmo rosto dos outros, e lhe disse: “Ancião, como está?”, ele me disse: “Aqui vivemos em paz”. Disse-lhe: “Por que nesta cidade todas as pessoas têm o mesmo exato rosto?”. E ele me respondeu: “Não se dá conta que até você é igual?”.

Nesse momento, frente a mim havia um espelho e me observei com o mesmo rosto e idade dos demais e exclamei bem alto: “Meu Deus! Por que este fenômeno?”, e o ancião se aproximou, dizendo-me: “Meu filho, esta é a cidade da Paz, do Amor. É a cidade onde habita a Unidade Múltipla Perfeita”.

**DEUS!**





# *Reflexões de um Investigador*



# 3

*V.M.Lakhsmi*



# Apresentação

---



O presente impresso, intitulado “Reflexões de um Investigador n°3”, é a continuação de uma série de pequenas obras que o V. M. Lakshmi está nos apresentando, em forma de relatos, diferentes realidades do nosso mundo, costumes e facetas da sociedade que estão continuamente ao nosso alcance no diário viver, mas que raras vezes trazemos à nossa análise e estudo por estarmos submergidos na mecânica que caracteriza a vida na época atual.

Não há dúvidas que o Mestre, com o estilo que o caracteriza, sabe levar-nos através da imaginação aos lugares por ele descritos para nos conscientizarmos dos distintos acontecimentos que sucedem em nosso planeta para que possamos integrar-nos cada dia com mais compreensão e amor aos fatos e realidades que nos rodeiam e que, sendo bons ou maus, no fundo fazem parte também do conjunto dos conhecimentos do nosso universo interior.

*Juan Capasso*



# A dor humana

---



Desde muito jovem vim observando o quão difícil é a vida para muitas criaturas que nascem em meio a situações verdadeiramente lamentáveis; não estou referindo-me somente à pobreza, mais que tudo me refiro à irresponsabilidade daqueles que assumem o duro encargo de trazer filhos à terra.

Espero, querido leitor, que abras o teu entendimento e o teu coração para que escutes o meu relato.

Um dia qualquer da minha vida, quis penetrar no mundo destes necessitados humanos; andei pelas ruas, vi passar muitas pessoas. Cada um falava das suas coisas, de seus negócios, de suas necessidades, de seus projetos; via isto como algo normal, isto é, ainda não despertava em mim nenhum interesse em saber do problema de cada pessoa em especial. Fui adentrando mais em direção a certos lugares onde se via desordem por todos os lados, lixos, ranchos muito desarrumados, animais famintos, ou seja, um verdadeiro caos, e eu me dizia: “Por que estas pessoas viverão assim? Será um castigo de DEUS? Será que é porque não trabalham?”.

Toda esta série de perguntas vinha à minha mente enquanto eu andava por estas ruas desordenadas.

Comecei a ver crianças desnutridas, despidas, sujas; quis retroceder, ir embora para não ver aquilo, mas me disse: “Por que será que não me sinto capaz nem sequer de observar isto? Como serão estas criaturas que vivem isso?”.

Aproximei-me de uma pequena cabana e vi umas crianças deitadas no chão, nuas. Uma ficou de pé quando me viu..., três ficaram no chão tentando silenciar o choro de um de apenas alguns meses.

Perguntei ao que ficou de pé frente a mim e lhe disse: “Por que estão sozinhos?”, e ele respondeu: “É que não temos pai, porque ele foi embora e nos deixou sozinhos, minha mãe sai para trabalhar e, até que volte, não tomamos café”.

Nesse momento eu me dizia: “O que poderei fazer por estas crianças?”, mas me interessava muito conhecer mais profundamente seu problema. Voltei e disse para ele: “Aonde foi o seu pai?”, e me respondeu: “Consegui uma mulher que disse que o amava e se foi com ela”, bom, e lhe disse: “E em que trabalha sua mãe?”, e o menino me respondeu: “Ela vai para a rua buscar homens que lhe deem trabalho”, e eu lhe disse “Sério? A buscar homens?”, e ele respondeu que sim. “Que tipo de trabalho dão para ela?”, e ele me disse: “Não sei, só nos diz que graças a esses homens ela ganha alguns poucos centavos para nos dar uma refeição diária, porque aqui chega tarde e sai cedo...”, e lhe disse: “E quem lhes cuida das roupas e das demais necessidades de vocês?”. E ele me disse: “Não temos roupa, e a que chegamos a ter não nos colocam para que não as sujemos, porque não sobra tempo para ela cuidar de nós...”.

Momentos desoladores vivi em meu coração vendo este drama, e pensei: “Esta família tão miserável deve ser uma exceção desta cidade, irei ao outro lado onde veja cenas menos desoladoras”, e saí.

Não sabia como andava porque minha dor era muito grande.

Passando em frente a uma humilde cabana, aproximei-me a ela e cumprimentei. Saiu uma mulher grávida, suja e esfarrapada, atrás dela saíram cinco crianças dizendo-lhe: “Não saia, mamãe! Não vá embora”, eu lhe disse: “Como vai, senhora?”, e ela me respondeu: “Bem, senhor”, e lhe disse: “Você vive aqui com estas crianças ou está de passagem?”. Disse-me: “Eu moro aqui”. E pensei comigo mesmo: “Como vive uma família neste lugar, desprovida de todo recurso humano?”. Que dor! Disse-lhe: “Onde está seu marido?”, disse-me: “Ele trabalha na rua, mas não voltou porque ontem lhe pagaram e saiu para beber; tudo o que ganha ele gasta em álcool”.

Estávamos neste diálogo quando se aproximou um homem todo descomposto, bêbado, lançando insultos contra essa mulher, maltratando em palavras e em atos às crianças e dizendo-lhes: “Esta

casa é minha e vocês vão para a rua porque necessito estar tranquilo e dormir em paz”.

Eu fui para o meio da rua, olhei ao meu redor e tudo o que pude ver era igual, e me disse: “Meu DEUS! Será que o inferno é pior que isto?”.

Fui saindo pouco a pouco com minha alma desolada de ver tanta dor.

À medida que saía, ia vendo que tudo mudava, casas melhores, pessoas bem vestidas, carros do ano, quer dizer, como se fosse saindo a um mundo diferente onde não havia tanta dor, tanta miséria.

Avancei em direção ao centro da cidade e este panorama mudou totalmente ante meus olhos, e eu me disse: “Se toda esta humanidade que vai e vem por estas ruas fizesse um pouco de consciência e, todos unidos, nos propuséssemos a ajudar estas crianças órfãs e estas mães abandonadas, mudaríamos um pouco essa face oculta que esta cidade tem”, e voltava e pensava: “Até quando a infância terá que suportar esta infâmia de tantos pais irresponsáveis que assumem a responsabilidade de um lar, que se colocam a trazer filhos à terra sem compreender que essas criaturas necessitam de pão, de abrigo e, sobretudo, do amor de seus pais e o justo reconhecimento de uma sociedade que, por mais que estas crianças sejam pobres e ignorantes, devem ver neles homens e mulheres que são parte da sociedade e que, amanhã ou depois, serão os homens e as mulheres que também estarão à frente do destino da Pátria!”.

É necessário ver as crianças de qualquer nível social como nossos irmãos, como nossos filhos, como nossos amigos e, sobretudo, como filhos de DEUS.





# A contaminação

---



Em uma noite, encontrava-me em uma colina e dali observava várias cidades, carros, montanhas, e eu, alegre e feliz, andava por todos os lados, respirava ar puro e, em minha imaginação criadora, via muitas criaturas que se moviam pelo espaço cheias de alegria, e me disse: “Que planeta tão belo é o que vivemos, onde podemos compartilhar com todas as criaturas que fazem parte da criação”.

Concentrei-me em uma montanha e sentia o rugido do seu silêncio, o movimento das árvores, e disse: “Aquelas criaturas vivem em paz!”. Dirigi meu olhar a uma daquelas cidades e também ouvi um rugido, mas muito diferente; quis identificar. O que era?...

Era o som dos carros que iam e viam, de máquinas enormes que, sem respeitar o silêncio da noite nem o sono das pessoas, produzem essa desordem auditiva, mas aí não terminou o meu espanto...

Penetrei mais nesse estrondoso ruído e encontrei algo mais desagradável: aparelhos de som em altíssimos volumes produzindo discordância nas notas musicais do nosso afligido universo, música de características diabólicas, e me dizia: Que dor! Que tristeza!

Nos tempos antigos, escutavam-se as músicas folclóricas que alegravam o coração humano, que o convidavam a compartilhar amenamente em família e entre amigos. Escutavam-se também as sublimes notas da música de câmara, as sinfonias dos grandes clássicos que extasiavam a alma e a arrulhavam na ternura de Deus.

Começou a manifestar-se em mim certa tristeza de ver uma cidade convulsionada nestas coisas, e me disse: “Vou chegar até lá”.

Entrando na cidade, encontrei um grande rio, pareceu-me lindo, belo. Escolhi uma das pedras que estavam em sua margem, sentei-

me nela para ver a água correr e ouvir seu barulho. Fui entrando em um êxtase deleitoso, e nele me disse: “Estes rios devem ter alguém que lhes dê vida, que cuida deles, ou seja, sua Alma; quero falar com esse Ser”.

Pronunciei algumas frases que considerei que trariam até mim a Alma desse rio. Que surpresa a minha! À distância, aparecia uma luz de uma beleza indescritível; essa luz se encontrava precisamente em uma selva onde nascia esse rio. Essa luz foi se aproximando, descia pela mesma direção do rio, mas... Que estranho! À medida que essa luz descia, ia se tornando pálida, sem brilho, e eu me dizia: “Será que minha visão está escurecendo?”, mas não era assim...

A luz foi ficando mais próxima, até que, a pouca distância da cidade, naquela noite silenciosa e estrelada, só se via um vulto negro. Quis fugir deste fenômeno, mas me disse: “É interessante saber por que essa luz se tornou negra”.

Chegando a poucos metros, pude distinguir uma mulher esbelta que se aproximava ficando frente a mim, e em silêncio, apenas me olhava. E lhe disse: “Quem é você?” e ela me respondeu: “Sou a Ninfa-Mãe deste rio”. Disse a ela: “que fenômeno é esse que quando a vi sair na montanha era linda e brilhante e, à medida que descia, se tornava negra?”.

Parece que recusava a responder-me, e expressando alguns gestos como de pranto e com a voz entrecortada, me disse: “Eu vivia neste rio e tinha muitas companheiras que nos deleitávamos banhando-nos nele e acompanhando às pessoas que até aqui chegavam a divertir-se de forma saudável, até que começaram a jogar neste rio todos os tipos de dejetos e de venenos, matando a todos meus filhos, criaturas que evoluçionavam em suas águas”.

Nesse momento, olhei-a nos olhos e vi que deles se desprendiam lágrimas, e lhe disse: “O que fizeram as outras companheiras com as quais brincava?”, e ela me disse: “Estão acima na montanha onde este rio nasce”. Eu disse: “Por que não vieram?”, e ela me contestou: “Elas têm medo do ser humano por tanta maldade que nos fizeram”. E eu lhe disse: “Como, que maldades?”, e ela me disse: “Quer que te mostre?”. Eu a disse: “Eu gostaria de ver”.

Nesse momento, colocou sua delicada mão em minha testa e, que estranho! Nesse instante puder ver o fundo do rio; ali observei todos os tipos de dejetos imundos, vidros, latas, plásticos, sedimentos, fetos em decomposição, isto é, difícil encontrar palavras para descrever o que ali se via. Vi muito poucos peixes, e lhe disse: “Por que há tão poucos peixes?”. Me disse: “Todos morreram e os poucos que restam estão contaminados”.

Olhando, ao meu redor, vi um lugar do mesmo rio muito elegante e disse a ela: “Por que este rio naquele lugar não está igual?”, e me disse: “Não, filho, é pior!”, e eu lhe disse: “Mas não se vê assim”, e me disse: “Vamos ali e te mostro”.

Chegamos até o lugar, a água limpa, e ao redor muito bonito e eu disse a ela: “Que agradável é este lugar!”, e aquela enigmática mulher me respondeu: “Quer ver o que tem aqui?”, e eu disse a ela: “Sim, eu gostaria de ver”. Voltou, se aproximou de mim e colocou sua mão em minha testa.

Nesse momento, voltou aquele estranho fenômeno... vi as águas totalmente contaminadas, vi muitos elementos de tamanho minúsculo que se moviam nas águas e eu disse a ela: “Que tipos de elementos são os que se movem ali, e por que a corrente do rio não os arrasta?”, e ela me disse: “São fluidos, o que vocês chamam de larvas que são deixadas pelas pessoas que vêm aqui para se banhar e fazer outras coisas que eu nem lhe digo, veja-as!”.

Nesse momento, me deu como um pequeno sono que durou, talvez, poucos segundos, ao acordar... Outro fenômeno estranho aos meus olhos: Muitas pessoas se banhando nesse rio, divertindo-se, mas que tristeza! Desculpe, querido leitor, o que lhe conto... Alguns daqueles casais fornicavam na água, fornicavam em suas praias e em seus esconderijos e voltavam à água, quer dizer, fenômeno Dantesco, não é mesmo?

Não quis seguir vendo este drama, preferia falar com a mulher, e disse a ela: “Quero que me responda umas poucas perguntas”. Ela me disse: “Bom, com muito prazer, quais são?”. Eu a disse: Você é uma mulher muito bonita, muito linda. Por que anda suja e com o rosto borrado?”. Disse: “Porque assim está meu corpo físico, meu

rio, o qual eu tanto amo”. Eu a disse: “E como se chamam as outras companheiras que estão na ribeirinha?”. Disse: “São Ninfas”. Eu a disse: “E por que elas não vieram ao chamado, só veio você?”. Disse: “Porque eu sou a Ninfá Deva deste rio”. Eu a disse: “Que posso fazer para ajudá-la?”, e me disse: “Não pode fazer nada porque esta humanidade não vai te entender. Todo mundo contamina as águas, todo mundo mata a vida”. Eu disse a ela: “Então, que pode fazer por mim, mísero humano, que ando entre esta sociedade?”, e ela me respondeu: “Meu filho, aqui onde estamos não posso fazer nada por ti... Vá para a margem deste rio, à montanha, onde minhas águas são puras e limpas e, sob a condição de que lá não nos contamine, nós, as Ninfas das águas e os Devas dos bosques, limparemos seu corpo, vamos compartilhar como irmãos e, desde lá, olharemos este lindo Planeta que a humanidade está destruindo, mas que nós o acompanharemos até o final de cada um”.

Nesse momento, ela disse: “Me retiro...”, eu disse a ela: “Estou muito agradecido por seu ensinamento”.

Nos retiramos e, quando ia a certa distância, ela me chamou e me disse: “Me esqueci de dizer-lhe três recomendações”, eu ansioso me dirigi até ela e me disse: “Irmão... Você quer ser amigo das águas e manejas as águas?”. Eu disse a ela: “Sim, quero ser”, ela me disse: “Não jogue desperdícios que envenenem as águas, limpe seu corpo de impurezas antes de entrar em um rio e não pronuncie palavras descompostas quando esteja se banhando, e assim nós lhe ajudaremos”.

## **AS DEVAS!**

# O Espaço

---



Muitas vezes, em minha vida, chamou-me a atenção observar o espaço, e me dizia: "Que relação existirá entre este espaço, estas estrelas que nos iluminam, este Sol e esta Lua, com nossa Terra?".

Ouvi alguns astrônomos falar, alguns astrólogos dando grandes explicações, por certo muito convincentes, porém meu questionamento não terminava aí...

Certo dia, estando em um lugar muito amplo, olhei para o infinito e me disse: "O que saberão aquelas criaturas, que estão lá nessa distância, que eu existo ou que aqui existem tantas pessoas que nunca se interessaram em saber o que está no mais além, simplesmente, aquilo que, através de um telescópio, os cientistas puderam observar e que nos contam através de alguns escritos nos quais, mais que tudo, se vê os lucros e não o ensinamento?

Foram muitos os questionamentos que fazia a mim mesmo naquele lugar, e me disse: "Que lindo seria para mim, poder conhecer algo sobre o espaço!".

Quase divagava ante este fenômeno que em si não me dava nenhuma resposta, e me disse: "Melhor eu me pôr a meditar e fazer oração".

Coloquei-me comodamente, fechei os olhos físicos e entrei em minha contemplação interna, de repente... Senti que alguém se aproximava, abri os olhos e não vi nada, fechei os olhos e continuei sentindo, de repente falou comigo dizendo: "O que está fazendo é muito importante em sua vida e na vida de todo cristão, porém quero acompanhar-lhe em uma pequena viagem para que conheça um pouco o mundo em que anda".

Eu pensei nesse momento que ele tinha um avião, que tinha uma

nave espacial, abri os olhos novamente e o vi.

Conversamos um pouco, me disse: “Não se levante de onde está, eu também vou sentar-me comodamente”. Me disse: “Meditemos primeiro na grandeza de Deus...”.

Coloquei-me a fazê-lo, em pouco tempo me disse: “O que compreendeu?”, e eu lhe disse: “Impossível! Não compreendi nada”, e ele me disse: “Como está indo bem no exercício!”.

Ele me disse: “Vamos meditar sobre o espaço...”. Depois de muito tempo me disse: “O que entendeu?”, e eu respondi: “Nada!”. Ele me disse: “Está indo bem...”.

Ele me disse: “Vamos meditar sobre nós...”. Depois de bastante tempo, me chamou e me disse: “O que compreendeu?”, e eu lhe disse: “Muito pouco”. E me ele disse: “Por quê?”. Respondi: “Porque não me conheci totalmente”, e ele me respondeu: “Antes de se conhecer totalmente, você tem que se pôr em comunicação e em contato com o infinito, que é você mesmo; tem que se pôr em contato com Deus, que é você mesmo; tem que vencer a mente que é sua escrava para que você, Senhor, ordene a ela que esteja a seu serviço e que não traga mais convidados à sua casa. No dia que fizer isso, poderá eliminar os elementos que não lhe deixam conhecer a si mesmo”.

Ele me disse: “Vamos meditar agora sobre o espaço do mundo em que andamos”.

Entramos em meditação e de repente viajamos a uma nuvem e essa nuvem falava a nós dois dizendo: “Vocês vão conhecer alguns fenômenos estranhos para o homem”.

Eu pensava que ia continuar falando, mas não foi assim...

Estávamos chegando a uma cidade imensa, víamos grandes cortinas de fumaça, e a nuvem em que íamos se desviou, fenômeno que me chamou a atenção, mas me mantive em silêncio...

Seguíamos avançando, víamos muitas terras áridas e ela se elevava um pouco para passar, outro fenômeno!

Logo, nos disse: “Vou leva-los a certo lugar no Norte”. Chegando ali, nos disse: “Não posso ir mais para lá, porque esta zona está proibida para mim”. Eu, em minhas grandes inquietudes, quis perguntar, mas meu enigmático companheiro me disse para guardar silêncio.

Na volta, me disse para observarmos o centro do oceano e vimos como ali baixavam certas matérias estranhas, foi quando não resisti mais e perguntei: “Que fenômeno é este?”. Parece que fiz esta pergunta muito precipitada. Deteve-se e nos disse: “Como vejo que quer saber apenas estas pequenas coisas que lhe mostrei e não outras demasiadas transcendentais que deveria saber, procederei a explicar-lhe”.

“A fumaça das cidades produz em nós, as nuvens, um envenenamento que nos impede de carregar a água para as chuvas, produzindo alterações térmicas no espaço.”

“O fato de não poder aproximar-me de certo lugar do oceano do Norte é porque ali estão escapando do interior da terra certos gases que, se eu me aproximo de lá, originaria um tornado.”

“E o fato de caírem no fundo do oceano alguns estranhos sedimentos que vocês desde aqui veem, não são outra coisa que fluidos emanados do interior da terra que, nem a atmosfera nem nós, as nuvens, podemos desintegrar e voltam a cair sobre as águas do mar e isso é tudo.”

Nesse momento, eu quis dizer-lhe: “Quais efeitos sofreremos na terra nós, mortais, por este fenômeno?”, e me disse: “Não sei se está preparado para saber, porém dou a resposta”.

“Primeiro, os gases que escapam no Norte produzirão ciclones que arrasarão as costas.”

“A fumaça das grandes cidades produzirá aquecimento atmosférico e haverá verões mortais em alguns locais do planeta e chuvas torrenciais e fatais em alguns outros lugares. Onde mais houver aquecimento, haverá verões e, onde se condense o frio, haverá chuvas.”

“Os sedimentos que vão da terra ao espaço e regressam ao mar produzirão nos oceanos um desespero, e o mar, em seu desespero, tentará sair de sua orla arrasando tudo o que encontre em sua passagem.”

Eu, comovido pelo que escutava, lhe disse: “Se estas são as coisas de pouca importância, o que acontece com o demais?”, e me disse: “entre o oito (8), o oito (8), o oito (8) e o três (3), acontecerão estas coisas: o aquecimento atmosférico, a sedimentação do oceano desatará a violência do ar e a água e o fogo se lançarão a tentar depurar o planeta, porém, para isso, é necessário que a humanidade desapareça”.

Eu, compungido e cheio de terror, lhe disse: “O que poderemos fazer nós, humanos?”, e ela, produzindo certos movimentos, disse: “Todo humano pode fazer muito por si mesmo e pelos demais, porém todo humanoide perecerá”.

Eu mantive silêncio e ela seguiu sua viagem...

Minha surpresa foi que, em pouco tempo, me vi no lugar de onde havia saído.

Ao retirar-se, ou vi uma voz que dizia:

“Homem, elimina todo o falso que tens para que sejas real.”

## **O ESPAÇO!**



# O Caminho

---



Viajando pelo caminho da vida, conheci milhares de pessoas, cada uma com seu destino, com seu ensinamento, com sua doutrina, com sua política e, ao fim, com sua história, e é apenas natural que eu também fazia parte deste grupo de pessoas, querendo nos colocar de acordo, mas com uma grande dificuldade: que o meu caminho era diferente dos demais e, por isso, minha história não interessava a ninguém, nem a história dos demais interessa para mim, coisa que me fazia pensar que seria difícil ou impossível que houvesse duas pessoas que entre si se compreendessem.

Um dia qualquer, tive que viajar de um lugar a outro, por um caminho iam pessoas comigo e outras vinham em sentido contrário, nos cumprimentávamos e cada um seguia seu caminho.

Eu ia fazendo uma análise de minha vida e me dizia:

“Estas pessoas que vão comigo não têm nenhum problema comigo, nem eu com elas, nem as que vêm em sentido contrário tampouco têm algum problema comigo, nem eu com elas, contudo, todos vamos pelo mesmo caminho... Que fenômeno é este?”

“Por que no lar o esposo e a esposa entram em conflito por pequenos ideais?”

“Por que os políticos entram em conflito por seus ideais?”

“Por que as pessoas reagem umas contra as outras se, ao fim e ao cabo, todos vamos pelo mesmo caminho: A VIDA?”

Minha conclusão, nesse momento, foi: “Vou ficar a um lado do caminho e observo melhor os que passam”.

Nesse momento, vinham pessoas de um extremo a outro do caminho, todos me diziam: “Adeus, senhor!”, eu os via... Quem ia

para qual lado?

Porém, nenhum deles, nem os que subiam, nem os que desciam sabiam para onde eu ia, porque estava parado vendo os demais passar, ou seja, podiam dizer “tem um homem aí”, porém ninguém podia dizer “esse homem está indo ou esse homem está vindo”, entretanto, era um fenômeno enigmático para mim.

Decidi sentar-me e meditar... Em minha reflexão vi três caminhos:

- O caminho de muitos que sobem e descem;
- O caminho que eu tomei até uma direção da terra;
- Meu próprio caminho interno.

E compreendi que eu posso ir pelo caminho de todos para fazer compras, vender e passear, isto é, como qualquer um, mas que ninguém saiba que sou um Caminhante do meu próprio sendeiro interior; que tenho uma meta, um objetivo e, sobretudo, um fim...  
**CHEGAR A DEUS!**

# As Mães

---



Viajei pelo meu mundo da mente querendo encontrar palavras com as quais pudesse expressar um sentir para as Mães.

Há muitas expressões dignas delas, porém que não alcançam preencher as exigências que se deve ter para as Mães.

Fui pelo mundo da imaginação e as vi rodeadas de seus filhos, de seus esposos, de seus seres queridos, porém ninguém lhes dava o estímulo espiritual e humano que elas merecem.

Muitos presentes, muitas festas..., porém, pouco AMOR.

Eu disse a mim mesmo: “Se a mente não tem uma resposta para isto, se a imaginação não encontra um lugar adequado para elas..., onde busco algo que parabeneze a estas mulheres que, com tanta dedicação, legaram suas vidas à humanidade?”.

Enigma indecifrável! No qual não me restou senão uma maneira para encontrar essa resposta que afanosamente eu buscava.

Foi então quando recorri ao meu mundo intuitivo, buscando naquele imenso mundo de belezas paradisíacas, de seres inefáveis, de ternura indecifrável, e perguntei: “Que palavras tenho para as Mães neste dia?”, e, que fenômeno estranho, não houve nenhuma resposta!

Quis regressar com uma frustração à vista, porém, ao sair daquelas mansões de meu espaço intuitivo, encontrei-me com uma anciã que me disse: “Por que está indo?”, e eu, com minha voz entrecortada, respondi: “Estive no mundo da mente buscando umas frases para as Mães em seu dia..., encontrei muitas e muito belas, porém não preenchiam minhas aspirações...”.

E a venerável anciã me disse:

“Tem razão, meu filho, não queira satisfazer a todas as Mães com

a mesma frase, porque elas entre si não são iguais, e as palavras para elas não podem ser iguais”.

“Eu represento a todas elas, portanto, diga-me essas palavras que eu, desde meu coração, as compartilharei neste dia com as Mães”.

Eu, nesse momento, integrando-me com meu sentir, exclamei bem alto:

“Tu és minha Mãe, aquela mulher que me viu nascer não nesta vida, senão em todas. Essa mulher que legou o Ser.”

“Essa mulher que, vendo-me caído, sempre me reconheceu como seu filho. Essa mulher que acompanhou a todas minhas mãezinhas nas dores do parto, que lhes deu fortaleza para que me amamentassem, que lhes inspirou Amor para me ensinarem e educarem, que lhes deu uma ternura para cobrirem-me com seus afetos e carícias, que lhes inspirou, em sua consciência, valor e resignação para aceitarem-me como tenho sido.”

“Essa mulher que, vendo-me prostituído, semeou em meu coração uma esperança de obter minha Redenção.”

“Essa mulher cuja semelhança é com todas as mãezinhas que tive neste mundo e que somente sua esbelta beleza, ternura e Amor podem preencher todos os vazios que tenho em minha mente, em meus sentimentos e em meu coração.”

“Esta insigne criatura que é capaz de renunciar à ternura, ao Amor e à Paz de seu divino esposo para estar comigo, esperando que, no mais profundo de meu coração, nasça um verdadeiro arrependimento que seja capaz de fazer-me renunciar a todas às futilidades deste mundo.”

“Essa mulher é minha Mãe, a Mãe de todos vós, DEVI KUNDALINI!”

*V.M. Lakshmi*

# *Reflexões de um Investigador*



# 4

*V.M.Lakhsmi*



# Prólogo

---



O Jordão é um rio bíblico de profundas reminiscências espirituais e portador das mais exaltadas obras e mensagens que a divindade entregou aos seres humanos a todo o longo e largo da existência.

Em suas águas, foi batizado o “Redentor do Mundo”, Jesus o CRISTO e, desde então, pelo seu canal não apenas flui a água bendita, mas também a graça de Deus que alcança a todas as criaturas que povoamos este Planeta.

É um rio bíblico porque desde sempre irrigou a Terra Sagrada que pisou o Divino Rabi da Galileia, em sua passagem pela Palestina no cumprimento de sua Obra, “A Vontade do Pai”.

Em suas margens, beberam da fonte sagrada da inspiração os Profetas que alcançaram encarnar a sabedoria divina, a qual logo lhes permitiu entregar à humanidade as mensagens e orientações que lhe serviram de guia para chegar ao Céu.

Mas o mais extraordinário e transcendental deste rio não são só os milagres e a manifestação tangível das Hierarquias Divinas no passado, que se plasmaram em suas águas há mais de 2.000 anos, senão a mensagem fresca e atual, a “Profecia para este tempo” revelada à humanidade neste livro “REFLEXÕES nº4”, que, pela misericórdia de Deus, nos entrega o V.M. LAKHSMI, e assim como fez em seu momento o “Salvador do Mundo”, também o faz este Ser Celestial em cumprimento de sua Obra, consciente de que com ela faz a Vontade do Pai que mora em segredo.

O povo gnóstico do mundo pôde apreciar a claridade e a

profundidade da Mensagem que nos entrega este grande Mestre da Bendita Loja Branca. Quem tem a honra de escrever estas palavras preliminares, imerecido, é claro, diante de tal majestade, bebeu serenamente do manancial inesgotável da sabedoria contida em suas obras, muito especialmente as que precedem a que você tem em suas mãos, amável leitor, “REFLEXÕES DE UM INVESTIGADOR”, em suas três versões entregadas anteriormente.

Não obstante, “REFLEXÕES nº4”, e sem subtrair um pingão de importância a nenhuma das obras anteriores, nem tentando superar a sabedoria diamantina entregue por este “Ser Imortal” em conferências, cursos e convivências, é portador de uma mensagem que merece ser conhecida, analisada e compreendida cabalmente, porque não somente se trata de entregar uma sabedoria emanada do alto, como de fato é, mas para fazer uma advertência sobre o que aguarda a humanidade; da realidade dos fatos que se abrem ante nossos olhos, da qual não podemos fugir, desviar ou ignorar, porque se trata de um desiderato cósmico: “A CHEGADA DOS TEMPOS DO FIM”.

Queira Deus e as Divindades que nossos sentidos se abram e que nossa consciência seja o suficientemente receptiva para aprender a Mensagem e captar o profundo significado das Revelações que esta venerável anciã, a Mãe Natureza, revelou a nosso amado Mestre, as quais ficaram plasmadas nesta obra, como fiel testemunho do profundo amor que ele sente pela humanidade e para que logo, quando nos encontremos envolvidos e frente à terrível realidade dos fatos, não se diga que não fomos advertidos.

Graças infinitas, Venerável Mestre Lakshmi, que a Divindade lhe siga entregando as chaves precisas para a liberação de todos os seres humanos, reveladas a nós através de seu Verbo de Fogo e em suas Obras escritas com carvões acesos e que resplandecem como diamantes preciosos entre os Textos Sagrados, portadores da Mensagem dos Deuses, entregados desde sempre e para sempre à humanidade.



# *Monastério Lumen de Lumine*

## *“Meus testemunhos sobre o Jordão”*

---



Aqui narrarei algumas cenas correspondentes à minha vida, à humanidade e ao planeta, talvez às vezes como se fossem cenas de partir o coração que fazem pensar que foram acontecimentos dantescos que nada tinham a ver com este mundo tridimensional em que todos vivemos. Alguns tristes de viver, outros emocionantes por viver, alguns outros simplesmente esperando um amanhã difícil de entender e muito menos de compreender, mas de todas as maneiras, é a vida, é um drama.

Quantos quiseram que se lhes narrassem como se fosse um romance ou simplesmente capítulos da Divina Comédia ou das Mil e uma Noites!

Encontrando-me em um momento da vida, pesaroso e acima de tudo reflexivo, lendo algumas passagens bíblicas, vendo nelas profecias muito pouco lisonjeiras, como é apenas natural, eu disse a mim mesmo: “Que lindo seria se todos nossos irmãos compreendessem que tudo o que já passou, está passando e o que vai passar, já está dito”, mas ao mesmo tempo eu disse: “Será que existe algo mais e como fazer para saber?”.

Preferi deixar o livro ao meu lado e começar a contemplar minhas perguntas, ver voar algumas aves, ver mover as nuvens impulsionadas por um instinto natural; isso foi questão de um tempo..., pouco a pouco foi vindo a mim, o SUMUN dos mistérios, comecei a ouvir muitas vozes em forma de coros celestiais, eram nada menos que o sussurro das montanhas produzido por milhares de criaturas

conscientes do momento e do destino que nos espera a todos.

Havia passado um tempo, e me disse: “Gostaria de estar mais para lá para escutar melhor”; foi assim como fui levado ao lugar indicado, talvez muito perto, o certo foi que a viagem não durou muito tempo.

Nos encontramos naquele majestoso lugar rodeado por paredes de cristal, cheias de encanto e de mistério, mas havia ao seu redor vegetação e talvez muitas espécies de animais, cada qual emitindo sons que indicavam terror, espanto e dor.

Uma Venerável Anciã apertava sobre seu terno peito um pequeno recipiente que mais parecia um cálice transparente. Eu a olhei no rosto, vi que de seus olhos saíam algumas lágrimas que expressavam uma dor profunda, sinceramente aquele olhar transpassou meu coração e compreendi que era a Mãe, aquela Mãe de quem tanto falamos. Eu me revesti de coragem e disse a ela: “Mãe, que posso fazer pela sua dor?”. Olhando-me fixamente, me disse tudo; assim o entendi, moveu os braços trêmulos e me disse: “Meu filho, filho de minha alma, isto tem que se cumprir, assim está escrito; portanto, nada podes fazer, mas olhe, escuta o que vou te dizer como testemunho da dor que tenho”. Nesse momento, me deu o poder e a faculdade de entender tudo o que expressavam aquelas criaturas que havia ao redor deste Sagrado lugar. Seria impossível poder enumerar nestas linhas aquela cena em que cada uma destas criaturas expressava a dor e contava o drama do que havia sido sua evolução.

Cada uma destas criaturas animais narrava o que havia vivido em tantas idas e vindas de sua evolução; uns haviam sido mortos no ventre de sua mãe, enquanto outros ainda mal haviam nascidos e haviam sido presas dos predadores, outros conseguiram crescer, mas não tiveram o direito de ter um companheiro de sua espécie para se reproduzir; outros foram mortos, deixando seus filhos abandonados. Cada uma destas experiências era narrada pelos DEVAS de cada uma dessas espécies; mas meu assombro era que o narrava com a voz da Venerável Anciã que estava a meu pé.

As montanhas rugiam e, como exalando profundos suspiros, cada uma destas árvores e vegetação narravam suas experiências, desde já tristes, e se lamentavam de não terem sido capazes em sua evolução

de passar a outra espécie, onde ao menos pudessem se mover ou tratar de fugir do pior predador: o Homem.

Assim, foram passando por meus ouvidos e meus olhos cenas verdadeiramente comoventes; a vegetação, em sua narrativa, dizia haver conhecido a Síntese da Lei que deveria cumprir, que era conhecer ao que outrora fora sido seu Rei: o Homem, e vê-lo não como seu rei, senão como seu destrutor, um rei caído, perdido por suas ambições, pelo desejo de poder. Foi nessa ordem de coisas, cada uma destas criaturas aspirava chegar a ser rei para acabar com a injustiça que o levou a destruí-lo; assim a voz de cada um dos animais ia contando a experiência de ter conhecido um planeta cheio de fertilidade, guiado pelo Homem, mas tendo conhecido por sua vez o Homem, esse rei, caído, destruído pela ambição, invadindo e destruindo o território de seus irmãos menores.

Eu já disse, em meu coração não havia outra coisa que o assombro de saber que os primeiros que conheceram a queda do homem foram os elementos e os elementais que DEUS e a Natureza lhe deram para que os guiasse e orientasse em sua evolução.

Terminada em parte essa narração, levantei meus olhos e olhei a Anciã, estava chorando e disse a ela: “MÃE, posso me retirar? Estou pesaroso e com dor”, me disse: “Meu filho, filho de minha alma, quero te mostrar algo mais”. Assim foi que abaixei o rosto e senti uma pequena brisa como símbolo de vida e de alegria; foi em fração de segundos que me vi com ela, parados sobre uma enorme pedra, e me disse: “Olhe isso”, olhei para cima e vi um rio de águas negras, nauseabundas, que expulsavam de seu interior bolhas de variadas cores, ou melhor, pareciam ter certa espessura, própria de sua imundície, e me disse: “Meu filho, neste rio Jordão, símbolo de triunfo, símbolo de vida, símbolo de poder, foi batizado o REDENTOR DO MUNDO”.

Todo rio e corrente de águas puras são símbolo deste JORDÃO. Você sabia que o JORDÃO é o Rei dos rios? Nem o Amazonas, nem o Nilo são superiores ao JORDÃO, porque são o mesmo.

Neles já não há vida, é muito escassa, morreram, já não há onde voltar a batizar o REDENTOR, eu disse a ela: “Mãe, eu te entendo,

mas verdadeiramente meu coração não suporta que me sigas narrando essas cenas”, e me disse: “É necessário que me escutes”, e me disse com grande ênfase: “Porque você foi testemunha em um amanhecer, de como um planeta foi entregue ao homem para que nele reinasse, mas com o passar do tempo, se fez o mundo de sistemas e esse mundo reinou sobre o homem, e o homem enfeitiçado e embelezado lançou-se à sua destruição e à destruição do planeta em que vive”.

“É necessário que compreendas, meu filho, que há um povo que contribuiu para matar a vida, mas se eles se arrependem, o prodígio da vida o seguirá mantendo e guiando como testemunho do amor e da graça do REDENTOR e servindo para formar um novo mundo, novas terras, novos céus e algo a mais, novos homens dotados da graça pela misericórdia, dotados de um talento, de um equilíbrio para continuar nesta longa viagem da evolução.”

Pensei nesse momento que minha experiência havia concluído e disse a ela: “Mãe, tenho muitas perguntas, mas creio que o que você me disse, o que eu vi e ouvi, sejam suficientes por agora”, e me disse: “Você compreendeu o significado da Vida?”, e eu disse a ela: “Sim”, e me disse: “Narre para mim”, eu disse a ela: “A Vida é o CRISTO, a Vida é tudo o que palpita na Natureza com um hálito de Deus”, e ela me respondeu: “Sim, é certo, mas para que você conheça a razão da Vida, tem que conhecer em carne própria a razão da Morte e de quem a executa. Olha, meu filho, observa o horizonte, ali pode ver a decomposição que existe em tudo o que foi, que tem sido; os encantos que outrora foram a expressão e a alegria dos DEUSES e dos homens”.

Olhando aquele horizonte, pude ver como emergia das infradimensões as emanções venenoskirianas, como nuvens negras, espessas, quase sólidas, que na passagem pela atmosfera iam matando os vestígios vitais do planeta e da vida, espetáculo mais que dantesco, assombroso; e ela me dizia: “Olha como morre a Vida! Se o homem não tivesse se pervertido, como o fez, não haveria tido a liberação destas substâncias abismais que vão destruir em sua totalidade a Vida”.

Guardamos os dois um pequeno silêncio e eu disse a ela: “Mãe, então, onde fica a Vida?”, e ela me disse: “O demônio não é nunca

mais que DEUS, olhe onde fica a Vida”; eu olhei ao meu redor e disse a ela: “Minha mãe, não entendo, não vejo a Vida”, ela me disse: “Olha-a bem, olha a todos meus arredores”, e voltei e repeti: “Não posso vê-la e não entendo”, olhei ao firmamento e ela me disse: “Abaixa o rosto e olha a Vida”. Que experiência assombrosa para mim, quando pude ver que no interior de nosso aflito planeta, brilhava como um diamante precioso, como um sol, a vida, aquela que florescerá quando tenha novas terras, novos céus e por fim, homens de verdade!

Eu fiquei atordoado, lhes digo, irmãos meus, que quase não entendia, surpreso. Ela me entendeu e me disse: “Meu filho, filho de minha alma, o que hoje é, amanhã não é, não te maravilhes com o que te estou dizendo, simplesmente te convindo a que compreendas o mistério, onde hoje está a Vida, amanhã é Morte, onde hoje está a Morte, amanhã será Vida, esse é o mistério do AEON TREZE, o mistério de DEUS. A Morte se lança sobre a Vida, agarra o mundo em que está, porém não lhe tira o direito de ser Vida”.

Sinceramente lhes digo, queridos irmãos, que não tinha palavras para expressar o que entendia nesse momento, e me disse: “Olha ao seu redor”; pude contemplar a triste realidade, o mundo estava composto de matérias descompostas sobre as quais andava a humanidade; caíam das alturas raios de luz infravermelhos que cegavam as pessoas; continuavam as emanções do averno e tudo se compenetrava formando verdadeiros conciliábulos, grandes expoentes religiosos, políticos, sociais, educadores que de suas gargantas e sua palavra só saíam línguas de fogo infravermelho que devoravam a consciência humana... Abaixei o rosto, era impossível suportar o que via e ela me disse: “Por que te abaixas, meu filho?”, e eu a respondi: “Não suporto mais”, e me disse: “Tu te comprometeste a ser o MENSAGEIRO que contará à humanidade estas coisas”, e eu disse a ela: “Minha Mãe, em parte eu contei muitas coisas e creio que não me creem”, e me disse: “Sempre foi assim, a humanidade não crê nestas coisas, porque vão como testemunho da maldade que o mesmo homem produziu sobre a terra, mas diga como testemunho das Escrituras que guardam em seu interior a sentença que cairá sobre o homem

por sua própria iniquidade”.

Manteve um pouco de silêncio e me disse: “Já para nos despedir, te mostrarei o seguinte, olha-me bem”, levantei o rosto e fiquei olhando-a; irmãos meus, que surpresa tive ao ver que dentro dessa Venerável Anciã se viam novos mundos, novas terras, novas águas cristalinas, rios cristalinos, selvas, uma humanidade de ouro! Pensei que estava hipnotizado daquele encanto e disse a ela: “Minha Mãe, não estou vendo a ti, estou vendo a um mundo novo”, e uma voz angelical me respondeu: “Olha meu rosto”, eu a quis definir e vi a uma Virgem de imaculada beleza e disse a ela: “O que aconteceu com o rosto que tinha anteriormente?” e me respondeu: “Esse rosto de dor, de angústia e de amargura é o que na verdade tenho pelo sofrimento e a dor que me causou meu filho, o homem. Matou por seu mau comportamento toda a beleza do planeta que lhe entregamos para que dirigisse. O homem tornou-se merecedor de morrer nos mais espantosos sofrimentos, justamente pelo comportamento que teve para com a Vida, com o mais lindo que há sobre a terra: A VIDA”; e continuou: “Todos estes rios cheios de lixo, contaminação e de morte, multiplicarão suas imundícies e essas serão as águas para acalmar a sede. Todas estas terras estéreis, envenenadas e mortas, não estarão dispostas a dar frutos a quem as matou, todos estes ares que anteriormente foram limpos e puros, se multiplicarão neles os hidrogênios tóxicos e venenosos. O homem, em sua desesperação buscará, como dizem nas Sagradas Escrituras, a morte e a encontrará, mas muito lenta; cada dia se multiplicará o ódio do homem com o homem, se multiplicarão os problemas de toda índole; os ares rugirão como leões embravecidos anunciando o final; os mares transbordarão e suas enfurecidas águas engolirão todos os navegantes; as terras partir-se-ão saindo dentre elas o fogo que destruirá a atmosfera; cidades e povoados ficarão sepultados; o homem correrá de um lado para outro e onde quer que vá, a desesperação será pior”.

Guardou silêncio e disse: “Meu filho, os tempos do fim chegaram, prepara-te!”, eu disse a ela: “De que forma me preparo?”, e me disse: “Filho de minha alma, lembra que tu não és uma pessoa, tu és um povo, prepara-te, tu és um Apóstolo e o Apóstolo vive por três coisas

e para três coisas: PARA APRENDER, PARA ENSINAR E PARA SABER MORRER”.

## **O JORDÃO**

*V.M. Lakshmi*





# *Reflexões de um Investigador*

# 5



*V.M.Lakhsmi*



# Apresentação

---



Todos os grandes Sábios da humanidade ensinaram a sabedoria do Universo através de parábolas, de símbolos, usando o jargão dos alquimistas, a linguagem dos pássaros, como diziam os Incas; e na presente obra, o Venerável Mestre LAKHSMI não escapa disso.

Estamos sendo testemunhas presenciais das atrocidades mais incríveis no fim desta quinta Raça raiz do planeta Terra, e ante este panorama sombrio, aparece uma LUZ de esperança, trazida por nosso amado Mestre LAKHSMI, que como MOISÉS, milhares de anos atrás, está se encarregando de ser o nexo, a ponte entre o povo gnóstico e a Venerável Loja Branca para nos conduzir a um lugar seguro no deserto da Iniciação até a Terra Prometida...

Nosso Mestre nos diz que o êxodo já é uma realidade para todo estudante sério do esoterismo Crístico que compreendeu, aceitou e esteja vivendo a Mensagem do Cristo Vivo; para este estudante, será fácil respeitar, cuidar e amar a Natureza, para que ela possa recebê-lo em seu seio.

Toda pessoa que se compenetre com este maravilhoso ensinamento, irá sentindo cada vez mais a necessidade de ir se integrando com lugares naturais de nosso planeta Terra.

Ante um panorama desolador para esta humanidade, que em caravana está ingressando ao abismo, no horizonte de AQUÁRIO se visualiza um SOL alentador para todos aqueles homens e mulheres de boa vontade que se dediquem a viver e encarnar a Mensagem da LIBERDADE.

Nossa preocupação não deve ser salvar o corpo físico, senão não perder nossa Alma; por isso, é importante que o estudantado esotérico gnóstico se esforce ao máximo em ser parte de qualquer dos três grupos que o Venerável Mestre tem instrução de ajudar, para ter direito a acompanhar-lhe a esse lugar seguro do Êxodo.

Também gostaria que nossos amigos leitores analisassem e refletissem sobre o conteúdo das Três Fúrias, porque se somos sinceros, qualquer uma delas em um momento de completo esquecimento de nós mesmos, pode se fazer presente e nos enlouquecer.

Infinitas graças, V.M.LAKHSMI, por alertar ao Povo Gnóstico com tanta simplicidade e clareza da iminente destruição desta nossa Quinta Raça Ária, que mais que por guerras, está acontecendo por envenenamento da atmosfera de nosso Planeta Terra, por parte de vítimas e vitimadores.

*Ricardo Agesta*



Escrevo esta anedota como corolário de tantas histórias que tenho para contar a meus irmãos Gnósticos e que fazem parte da aprendizagem que tive que fazer neste longo caminho da Vida, onde por razões já conhecidas por muitos e desconhecidas por outros, tive que vir fazendo um recorrido compreendendo os diferentes aspectos da Vida; é assim como hoje me disponho a ilustrar a vocês esta penosa e, para mim, muito dolorosa anedota.

Só me anima o interesse que todos meus irmãos se deem a tarefa de estudar a Gnosis viva, essa Gnosis que vive e palpita no coração como viva representação do CRISTO VIVO; ESSE HÁLITO de Vida que se desprende desde o Absoluto para vir até este mundo das formas mover as essências que se encontram disseminadas na Natureza e nos humanos.

É necessário compreender que o CRISTO nunca é histórico, o CRISTO é de um presente, só que seu ensinamento se estende a todas as épocas para manter sua presença latente na Vida.

Um dia ensolarado de verão, enquanto contemplava o passar das nuvens com rumo desconhecido, sabendo que esse movimento orquestrado obedecia a desideratos divinos, e da pouca importância que damos a essas anônimas viajantes que são vistas por todos, mas que ninguém conhece a missão inestimável que cumprem na Vida, já que são encarregadas de levar as chuvas onde há seca, para que a Vida se mantenha, eu me dizia: “Que lindo seria que nós, como humanos, também pudéssemos deslizar na Vida dentro de um anonimato para

levar Amor, Sabedoria, Paz e Harmonia a tantas criaturas que por razões desconhecidas, não sabem os motivos pelos quais sofrem”.

Quis conhecer o fenômeno que se sucede entre dois bandos enfrentando a morte, defendendo ideais que carecem de fundamentos cristãos. Sucedeu em um território de nosso aflito Planeta; ao chegar ali, minha surpresa foi grande, já que pensei que me encontraria com dois exércitos inimigos, e não foi assim. O que pude observar foi algo que merece uma verdadeira análise e reflexão.

Vi umas nuvens sanguinolentas que flutuavam no campo onde seria a batalha; nessas nuvens, se formaram bolhas de um tamanho como de bolas de basquete; essas bolhas iam produzindo uns sons que ensurdeciam meus ouvidos, e por fim, os ouvidos dos exércitos em conflito, produzindo assim uma desesperação geral.

Quis ver as pessoas que se dispunham à batalha, mas não é fácil para eu explicar em algumas linhas o impacto emocional e psíquico que tinha cada uma daquelas criaturas, muito menos poder explicar o espanto e o horror das crianças, mulheres, anciãos e indefesos que estavam presentes e que sabiam, por um instinto natural, que nesse dia sobre eles, recairia a morte. As carnes dos corpos dessas pessoas indefesas, antes de cair pelas balas, se rasgavam e os gritos de terror que emitiam produziam nuvens negras que se mesclavam com as nuvens vermelhas de seus adversários.

Ao ver isto, eu me dizia: “Por que estas pessoas antes de caírem mortas, já sabem o que lhes vai acontecer, produzindo assim este fenômeno na parte interna?”. A resposta não se fez esperar, e foi assim como pude observar que a vida celular de cada pessoa, animal ou planta, tem uma intercomunicação com a Vida que sustenta toda a Natureza e, antes de morrer uma pessoa, animal ou planta, essa inteligência da Vida celular já sabe. Momentos de partir o coração, horripilantes foram para mim aqueles em que essas almas já sabiam que teriam que morrer e essas indefesas criaturas só necessitavam que essa sentença se executasse o mais rápido possível, para poder sair daquele momento espantoso em que já se viam mortos, mas estavam vivos.

Querido leitor, nestes momentos em que escrevo meu relato, vem à minha memória algo que tem demasiada transcendência: “Quando

a Alma ou Ego (chame-se como seja) compreende que sua sentença ou seu fim chegou, mas que seu corpo ainda está vivo, recebe o PRIMEIRO JUÍZO, e no meio do horror da morte e o ranger dos dentes, passa por sua mente todos os momentos em que poderia ter feito uma mudança em sua vida, já que nesse instante, não se vê atacado pela morte, senão por toda a feiura do que foi seu pecado”...

São instantes que na cronologia do tempo seriam milésimos de segundos, mas que na eternidade é tempo. Crianças, criaturinhas que por sua idade não compreendem e que para eles o horror é ainda maior, e tudo se converte em momentos comoventes. É assim que o verdugo que executa essa morte não é uma pessoa, não é um demônio, é algo mais...; é uma força que se encarnou em um corpo humano e que descarrega sobre uma inocente vítima, a força das Três Fúrias que enlouquece as pessoas que executam o crime e a maldade.

### **A FÚRIA DA MENTE**

"dizem que dos ideais."

### **A FÚRIA DA VINGANÇA**

"dizem que cobrando dívidas passadas."

### **A FÚRIA DO PODER**

"dizem que para demonstrar que são superiores",  
pisoteando assim o sangue de suas vítimas e encarnando  
por fim suas maldades.

Querido leitor, você deve saber que quem mata por vingança, sobre o vitimador recairá a vingança da vítima. E foi assim como pude observar com meus olhos e sentidos surpreendidos, a forma como se executava uma guerra que não tinha razão de ser, na qual dois povos se enfrentando, envenenavam a atmosfera de nosso Planeta; o vermelho dos vitimadores avançando pelo céu, impulsionando outros à destruição, e a nuvem negra das vítimas avançando, invadindo outros com o rancor e a vingança. E as almas dessas vítimas, cheias de horror e espanto, condenadas a não ter regresso por três coisas que

quero que você, querido leitor, saiba:

1. Porque, no final da raça, todas as circunstâncias estão dadas para que se intensifiquem as guerras e a destruição.

2. Essas vítimas da barbárie, ao tomar um novo corpo físico, não viriam a não ser para executar mais barbaridades.

3. Porque essa atmosfera que deixam as vítimas, não teria uma forma de se acabar, e também não se poderia limpar a aura do Planeta ao reingresso de toda criatura eliminada por essa barbárie.

Depois de ter narrado este fato, veio à minha presença algo mais comovedor: “A Natureza, produzindo umas reações muito terríveis, lançava fora dela umas criaturas inumanas que tinham patas de cabra, mãos de mandris, figuras humanas de presença arrepiante, com presas que saíam de suas mandíbulas que mais pareciam de javali, embarcando na fuga a lugares onde houvesse mais guerras”.

Ao ver isto, eu me perguntava: “Que tipo de elementos são estes?”, e uma voz que ensurdecia meus ouvidos, me dizia: “Eles são os que beberão o sangue das vítimas e que continuarão executando a maldade como castigo de quem não quis se arrepender a tempo”; e eu, cheio de espanto, seguia me perguntando: “Isto merece uma explicação a mais, quem me vai dar?”.

Perguntei em voz alta no campo desolado pela guerra que estava iniciando..., e me apareceu uma menina que aparentava uns doze anos, com a roupa rasgada, as mãos arranhadas, com muita dor em seu semblante, e me disse: “O que você faz aqui, em meio a este drama tão desolador?”, e eu a respondi: “Quero conhecer e saber quem são estas estranhas criaturas de uma presença horripilante que vejo no campo de batalha”; e a menina me respondeu: “São os elementos que se saciarão com o sangue dos homens, mulheres, anciãos e crianças que caem pela guerra; estes elementários demônios tragarão o sangramento de tanto pecador, e eles serão devorados pelo fogo do Planeta para que se depure”. Eu a perguntei: “Que culpa têm as crianças, anciãos e mulheres de tudo isto que está acontecendo?” e a menina me disse: “Se não fossem culpados, não estariam aqui, não



teriam sido julgados para morrer dessa forma”. “Por acaso, não são crianças inocentes?”, foi minha pergunta, ao que ela me respondeu: “Seus corpos, sim, suas almas, não”. Eu voltei a perguntar: “Quando terminará esta guerra?”, e apontando para as pessoas, os povos, os campos e as cidades, me disse: “Olha tudo o que falta!”.

Eu perguntei: “Por que andas assim, se tu és a Mãe Natureza?”. Me disse: “Como anciã, é muito o que ensinei a meus filhos. Como mulher adulta, são muitos os maus tratos que recebi e como menina, me sinto órfã porque quem deveria me acompanhar, cuidar e respeitar, me maltratou e me abandonou”. Eu a perguntei: “Se há um lugar seguro para poder viver, diga-me onde”. Me disse: “Sim, há um lugar seguro, mas necessitas te preparar muito para que possas habitar nele”. E eu disse a ela: “De que forma me preparo mais?”, e ela me disse: “Lembres que tu és um Povo e se esse Povo se prepara, tu estarás preparado; se esse Povo não se prepara, tu não poderás viajar para lá”. Ao que disse a ela: “Que culpa tenho eu do despreparo desse Povo?”, e ela me respondeu: “A Vida não sofre por suas culpas, a Vida sofre pelas culpas dos que representa. Tu és a Vida e fazes parte dela”. Eu disse a ela: “A Humanidade não aceita a Mensagem, o que faço?”, e me disse: “No firmamento, há milhões de estrelas, no entanto, o sol ilumina mais que elas e é um só. Cada pessoa que se levanta dentre os mortos, ilumina por mil; cada pessoa que encarna a DEUS, ilumina por três mil, e cada pessoa que se libera, ilumina por seis mil. Só necessitas:

**Ajudar os que deixaram de ser "mortos";**  
**Ajudar os que vão se unir a "Deus";**  
**Ajudar aos que se "liberam".**

Com estes dez mil, tu podes viver nesse lugar seguro”.

Logo me disse: “Vem, te mostro o que ficará depois destas coisas”. Pude ver uma paisagem sombria e desolada e me dizia: “Assim ficará tudo o que hoje é; as grandes cidades onde tem seu reinado o demônio”. “Olhe lá”. Pude observar campos floridos, cultivados com todo tipo de alimentos frescos. Em meio a esses campos havia

pequenas vivendas com pessoas que lavravam a terra. “Ali habitará esse Povo que não fez reinados na terra, que só viverá dos frutos de suas plantações e dando frutos para o Criador”, logo me disse: “Vou embora...”. Eu a perguntei: “Tenho alguma data para que se cumpra tudo isto?”, e me disse: “Isto já está se cumprindo, si tu acreditas no que te narrei”.

### **A NATUREZA.**

*V.M. Lakshmi*

# *Reflexões de um Investigador*



# 6

*V.M.Lakhsmi*



# Apresentação

---



Quero neste instante elevar uma oração que saia do mais profundo de meu coração para pedir ao Cristo, fazedor, dono e amo de todas as criaturas, que por sua misericórdia Divina se apiede de todos nós e nos conceda a graça e o dom da compreensão para saber viver, preparando-nos como deve ser, para nos conscientizar plenamente desta terrível realidade, que atualmente está vivendo a humanidade.

Queridos irmãos, que triste para nosso Ser e nossa Divina Mãe saber que nos deram a maior oportunidade de todas as existências, a qual a Bendita Mãe Natureza nos colocou neste belo, majestoso e impressionante tapete da existência para poder crescer rodeados de seus encantos mais sublimes, sem perceber essa candura que envolve a nossa vida!

Desenvolvemo-nos neste mundo físico com alguns valores que nos permitem diferenciar das demais criaturas que nos rodeiam, no calor de uma família, companheiros da existência, nos preparamos para enfrentar a vida desconhecendo sua origem e seus mistérios... Até ter a bondade da Divindade de nos encaminhar nesta sábia Doutrina na qual encontramos respostas a muitas perguntas e, sobretudo, o incentivo para nossas almas de poder vivenciar estados sublimes, momentos de glória, momentos de exaltação, momentos de dor, momentos de integração e de encontros conosco mesmos, os quais nos permitem diferenciar claramente os dois mundos. Que triste para nossa alma perder esta grande oportunidade! Não façamos isso! Coloquemos todo o empenho possível, o entusiasmo, a constância

para demonstrarmos a nós mesmos que sim, podemos e sabemos aproveitar a grandeza de Deus. Que possamos valorizar de verdade esse tesouro maravilhoso que os sábios Mestres colocaram em nossas mãos para criar um mundo novo para nós mesmos, cada um em sua própria intimidade, já que o caminho é individual, e dizer-lhe: “Meu Deus, que grande és, bendito Ser, por me permitir a graça de estar aqui; essa graça que milhões de pessoas não a têm, de vivenciar seu evangelho, de praticar sua Doutrina e, sobretudo, de que me tenhas em conta para ser teu verdadeiro filho. É assim que quero demonstrar com os superesforços que faço para ter esse dom e, através de uma disciplina constante do cumprimento e acato de tuas santas Leis, e de fazer carne e sangue os Três Fatores, que nos deixou como bastião nosso amado Mestre Samael Aun Weor”.

Nesta ocasião, o V.M. Lakshmi Daimon, Guia Espiritual do povo gnóstico, nos entrega uma grandiosa reflexão que deve produzir um choque consciente em nossas vidas para que despertemos para esta realidade que estamos vivendo, porque quem, com a dor profunda e com sua vida, presencia esse término da humanidade... É aquele, o Moisés salvador, que nos traz a graça divina, e a pobre humanidade mergulhada nesse sono profundo, que afogada e perdida nas paixões do mundo, ignora por completo e não escuta nosso clamor...

Pedimos perdão de coração, e suplicamos ao Altíssimo que tudo o que presenciamos, o vivamos intensamente com os olhos bem abertos, com o coração tranquilo, com uma consciência objetiva de momento a momento, utilizando o sentido de assombro para poder discernir nossa vida, poder encontrar nossa própria realidade e despertar essa consciência que se encontra presa, mas que dia a dia, nos lançamos a resgatá-la, com a ajuda e a graça de nossa divina Mãe Kundalini, através da morte dessa maldade interior, que nos afastou a cada instante de chegar um dia ao encontro com Deus.

Que o Céu nos abençoe e nos encha de fortaleza interior para seguir adiante e aproveitar até o último instante de nossa existência...

*Ana Judith Gasca M.*



Amigo leitor, gostaria de nestas linhas poder expressar meus sentimentos, meus pensamentos e minha forma de ver as coisas diante de situações tão difíceis de resolver como são as que vamos expor neste pequeno livro.

Momentos de espanto, momentos de dor, momentos de angústia tive que viver para extrair das memórias da Natureza, o que outrora sucedeu às humanidades que existiram, e que, por uma Lei natural, tiveram que desaparecer, deixando pegadas inapagáveis, as quais comovem as fibras mais profundas do coração de qualquer investigador. Humanidades que existiram e que tiveram grandes avanços intelectuais e tecnológicos que, por não saber manejá-los, retiraram essas humanidades do caminho da busca da verdade e do cumprimento da Lei.

Horripilantes momentos em que as multidões se lançavam a realizar grandes conciliábulos, violações, crimes e guerras, sem ter a menor ideia de que a qualquer momento, emergiria do fundo da terra aquele fogo abrasador, encandecido e terrível que banharia as grandes cidades e os grandes impérios, produzindo assim o naufrágio dos continentes e emergindo outros que colocariam a terra em condições de abrigar novas humanidades.

Seria muito longo para contar em um livro a história de mundos e humanidades passando pelos terríveis cataclismos e destruindo a todos os falsos Deuses que acreditavam ser poderosos, donos e amos da humanidade e do mundo...

Continuando nosso relato, com dor imensa diríamos que nestes momentos, estamos vivendo casos e cenas não menos comovedores que colocarão a mente de qualquer pessoa racional e sensata a passar por confusões muito espantosas, porque não se pode imaginar que neste planeta lindo e belo em que vivemos, estejam acontecendo coisas horrorosas de tal magnitude.

Querido leitor, se observamos o amor de Deus e a nobreza de nossa Mãe Natureza, podemos compreender de verdade, quem somos...

Este planeta no qual vivemos nos atuais momentos está sofrendo os piores abusos que na história da humanidade já existiram.

O Deus bendito, fazedor de tudo, com sua imensa bondade e amor, manda ao Cristo só que nos dê sua luz, calor e força; coisa que a humanidade as recebe e as canaliza tão mal.

Os grandes religiosos do mundo andam confundidos e confundem mais o povo. Os grandes cientistas do mundo estão utilizando seus conhecimentos diabólicos para destruir os princípios mais elementares da ética cristã; é assim que os cientistas se deram a tarefa de modificar geneticamente as sementes que a terra deve produzir para nosso alimento.

Obra esta tão diabólica, violação sumamente grave contra a natureza. Os venenos inseticidas que produzem para aplicar aos cultivos têm seus princípios tóxicos e radioativos que, ao entrar em contato com a água e os raios do sol, se potencializam e destroem os organismos que os consomem.

Os cientistas desta época vivem embelezados com seus inventos diabólicos; se lançam à conquista do espaço como se os Irmãos de outros planetas fossem tão ingênuos e descuidados para se deixarem apanhar nas conquistas de alguns cientistas diabólicos, ignorantes, que não puderam conhecer a si mesmos.

Não puderam dar-nos uma resposta sólida e concreta sobre os mistérios que encerra o ser humano, sobre os mistérios que encerra nossa bendita Mãe Natureza, sobre o conteúdo das Sagradas Escrituras, das mensagens que existem para a humanidade por parte dos grandes Profetas, sábios Mestres e o próprio Cristo quando veio à Terra.

Não puderam decifrar o mistério que encerram as diferentes



facetas ou mudanças que sucedem em nosso planeta em algumas épocas do tempo, como por exemplo, a ameaça que temos os terráqueos pela aproximação de Hercólubus; a presença na Terra das forças solinesius, as quais produzem grandes catástrofes e reações psicoconvulsivas na humanidade.

Não nos explicaram por que sucedeu um desequilíbrio em nosso planeta que nos levará, a qualquer momento, a entrar nos anéis de Alcione? Fenômeno terrível! Desconhecido por qualquer pessoa de nosso mundo, coisa que em outras épocas muito distantes, se sucedeu e os irmãos habitantes de outros planetas de nosso sistema solar contam e ilustram com luxo de detalhes, nos deixando verdadeiramente atordoados.

Em conclusão, os senhores cientistas de nosso planeta terra realmente, de verdade, se lançaram por uma descendente que não tem regresso. Lamentavelmente, envenenaram a mente e a psique de uma humanidade que os admira e cegamente os obedece, sem compreender que os avanços tecnológicos que a ciência fez, alguns prestam um serviço ao ser humano, mas outros são para destruí-lo e à vida em geral.

Agora, o que diremos dos políticos de nossa época, grandes intelectuais, grandes capitalistas que lutam entre si para ter o poder, o mando e, através desse poder que o povo lhes dá, apoderar-se dos recursos e reservas econômicas que os países têm, repartindo entre poucos o erário público, trazendo como consequência que os povos, os municípios e as aldeias não tenham como produzir desenvolvimento, tecnologia e por fim, uma vida melhor para as pessoas.

Os políticos e os politiquinhos caíram em uma descendente também sem regresso, porque o próprio povo já conhece suas intenções, e seu falatório já não tem acesso às mentes racionais e analíticas dos entendidos.

Os capitalistas de nossa época se apoderaram de somas de milhões de dólares que as tiram dos países e levam para guardar em bancos internacionais, trazendo como consequência que haja menos emprego, menos circulante, menos desenvolvimento nas indústrias que servem para produzir empregos e dividendos.

A classe média foi se acabando, ficando a classe pobre. A pobreza se multiplicou de tal maneira que em todas as aldeias, povos e capitais, pululam as pessoas que não têm o que comer. Os que não se resolvem a morrer de fome, se convertem em delinquentes que, por lógica, atraem mais pobreza, mais ruína.

O trabalhador do campo se abstém de fazê-lo porque não tem recursos, não tem forças para fazê-lo e se encontra em uma terrível insegurança. Os campos em nossas nações ficaram sós e estão habitados unicamente por alguns homens e mulheres lendários que preferem morrer de fome e de desnutrição no campo, do que fazê-lo na cidade.

Querido leitor, espero que entenda o que aqui estamos dizendo, porque muitas pessoas veem esta realidade, mas não sabem o que fazer. São verdades amargas como a cicuta que Sócrates tomou, mas melhor que morrer envenenados, eu os convido a fazer algo, como seres racionais e como pessoas que praticamos uma filosofia que dignifica a pessoa, sua mente, seus sentidos e que por fim, o conduz à suprema compreensão. Querido leitor, você me perdoe pelo que aqui vou dizer...

Quis conhecer e compreender um lugar onde se gestam as grandes organizações para produzir qualquer tipo de guerra. Ali encontrei todo tipo de material bélico, desde a de mais alta tecnologia e capacidade até a de menor potência destrutiva...

Que dor em meu coração e em minha alma ao ver que sobre aquele lugar e aquele armamento havia uma cortina de sombras diabólicas, infravermelhas que produziam em todas as pessoas que ali havia e que visitavam o lugar, os impulsos brutais para que a qualquer momento, lançassem as agressões mais diabólicas contra a humanidade!...

Essas centenas ou milhares de pessoas que ali vivem, que trabalham, que laboram, se carregam de tal maneira desses fluidos, que eles, ao invés de fazer uma oração a Deus, lhe lançam grandes insultos e agressões e pedem ao inferno que seja logo o momento de exercer as armas para demonstrar o poder.

Os mandatários que a esses lugares vão de visita e a receber honras,

saem de lá com toda a melhor disposição de agredir com seu poder as nações, a humanidade e a quem quiserem.

Mas, aqui não termina meu relato...



# *Reflexões de um Investigador*



# 7

*V.M.Lakhsmi*



# Prólogo

---



A presente obra intitulada Reflexões de um Investigador é a expressão da consciência de um Mestre Guia da Humanidade que, através de uma linguagem inigualável, chega às fibras mais íntimas de nosso coração para nos impulsionar com o hálito de VIDA até as mais altas metas que um ser humano possa aspirar conquistar. Nela se conjugam a sabedoria do PAI, nos fazendo compreender a origem da dor... A ternura de uma MÃE, que eleva as mais comovedoras súplicas para que não desistamos ante as dificuldades do CAMINHO, e a LUZ que nosso senhor, o CRISTO, pode nos entregar, inspirando nossa existência para consagrá-la a serviço dos que sofrem e têm sede de PAZ.

Querido leitor, como gostaria de expressar a vocês e ao mundo que ainda há na terra um REI com uma humildade única, que entrega sua vida aos necessitados, levando em seu dolorido coração a CRUZ do sofrimento de uma pobre humanidade que se encontra nas trevas da ignorância.

É o momento de nos perguntarmos: O que estamos fazendo com esta maravilhosa oportunidade da vida? E tomara que não seja tarde demais quando nos decidamos a vivê-la com a intensidade que nossa alma, antes de ter vindo, vislumbrava como único caminho até sua verdadeira liberdade.

É nossa alma a que a cada momento de nossa existência clama ao Todo Poderoso o auxílio para que respondamos com Amor e Compreensão ao compromisso que assumimos com Deus e a

Humanidade.

Lembre-se, apreciado irmão, que quando mais causamos dano à nossa ADORÁVEL ALMA foi experimentando o milagre de existir e, em vez de fazer de nossos dias uma oferenda a Deus e sua Justiça, nos comportamos sem Misericórdia frente a nossos semelhantes e todos os reinos da criação.

Queira Deus que nestes momentos se despejem nossos sentidos, nossa mente e nosso coração para receber o fogo do Dragão de Sabedoria que, com a simplicidade do eterno, nosso amado Guru, V.M. Lakhsmi, nestas Reflexões nº7 nos conduz através dos sentimentos mais puros às realidades incognoscíveis que como manancial de doce ambrosia, em um dia não muito longe, se somos fiéis, nos converterá na mesma fonte de Vida.

Que a Paz mais profunda reine em vossos corações!

*Daniel Alfazak*



# *El Sinaí,*

## *03 de março de 2004, às 16 horas*

---



Estando em um momento de minha vida, alerta e reflexivo ao que ao meu redor sucedia, me perguntava: “Esta enorme corrida da vida, que em seu interior leva a esta humanidade, onde irá parar?”.

Vendo que a estrada aonde ia estava muito corroída, maltratada, semidestruída e que era muito pouco o empenho que eu via por parte da humanidade para arrumar tudo aquilo, me disse:

“Não é possível que um povo que busca a Deus não se apresse mais em melhorar sua conduta para poder alcançar os topos de uma mudança realizada...”

Foi assim como quis indagar o mais além do que aqui estou afirmando, efetivamente...

Fui levado a um lugar muito sombrio e frio no qual se notava grande expectativa pelo que estava passando, perguntei a algumas pessoas desse lugar se me poderiam informar em que lugar nos encontrávamos, e um deles me disse: “Não o conhece? Por acaso... não estive aqui muitas vezes?”. Minha resposta foi clara: “Sim! Reconheço que aqui estive, mas diga-me: como se chama este lugar?”. Ao qual ele respondeu: “Eu vou dizer porque já está aqui”.

“Este é o SARAVASTI dos mistérios da lua, lembre-se...”, me disse, “que em ocasiões aqui faz muito frio...”. Eu lhe perguntei: “Vejo muita expectativa em todos vocês”, ao qual me respondeu: “A este lugar, terão que vir a viver todos aqueles humanos que por tantos séculos e tempos adoraram a lua”.

Eu lhe disse: “Compreendo, mas eu quero sair”, e ele me respondeu: “Para sair daqui, se necessita ter o Virilo esculpido em COBRE e tem que ter a permissão dos que dirigem este lugar”.

Respondi resolutamente:

“O Virilo o esculpi com sumo sacrifício, amor e padecimentos... Diga-me: onde está a quem devo pedir a saída?”

Levou-me a um lugar de mais baixa vibração. Naquele lugar, estavam esculpidos em pedras muito brutas, alguns rostos enormes e desfigurados, mas que tinham VIDA, esses rostos correspondiam aos Chefes.

Ao chegar ali, disse com grande força: “Necessito sair daqui!”.

Cerca de três responderam afirmativamente: “Pode sair, mas leva a notícia, nenhuma pessoa que entre aqui pode voltar a sair, porque ficará como cada um de nós sem corpo e com a cabeça petrificada em uma pedra até que seja capaz de empreender a viagem para mais embaixo, onde a cabeça irá ficando menor até desaparecer. Isto acontece a todo aquele que ama a lua por muito tempo e não geste um corpo que tenha calor!”.

Saí dali, como é apenas normal, terrivelmente impressionado, andei umas quantas quadras... Quando vi que eram milhares de pessoas as que estavam indo em direção a esse lugar, senti que minha laringe expressava uma grande força e disse a todos: “Não sigam este caminho, porque adiante vão encontrar um lugar terrivelmente frio, desfigurado e regido por espantosas forças diabólicas...”.

O quanto riam de mim!

Alguns saíram dentre o público e os pude identificar pelo calor que expeliam, que eram estudantes gnósticos, mas que andavam envolvidos com falsas companhias...

Segui indagando, porque queria saber algo além que o resto da humanidade...

Vi milhares deles em Templos luxuosos, orando a um Deus que cada um o havia imaginado de sua maneira, em seu interior não se via nenhum futuro, nenhum caminho objetivo...

Saí às ruas e via as multidões lançando-se em uma libertinagem macabra, seguia indagando e via os gananciosos abraçando o dinheiro

como a Deus...

Via as pessoas entregadas aos vícios, homossexuais arrastados pela concupiscência e me disse:

“Impossível transformar esta humanidade! Aonde vou?”

Fui levado de imediato a um lugar de difícil acesso, abaixo se viam enormes capas de nuvem negra que simbolizavam as tribulações e a morte...

Vi-me só e exclamei com grande força pedindo ao CRISTO que me ajudasse a reunir-me com Povo Gnóstico!

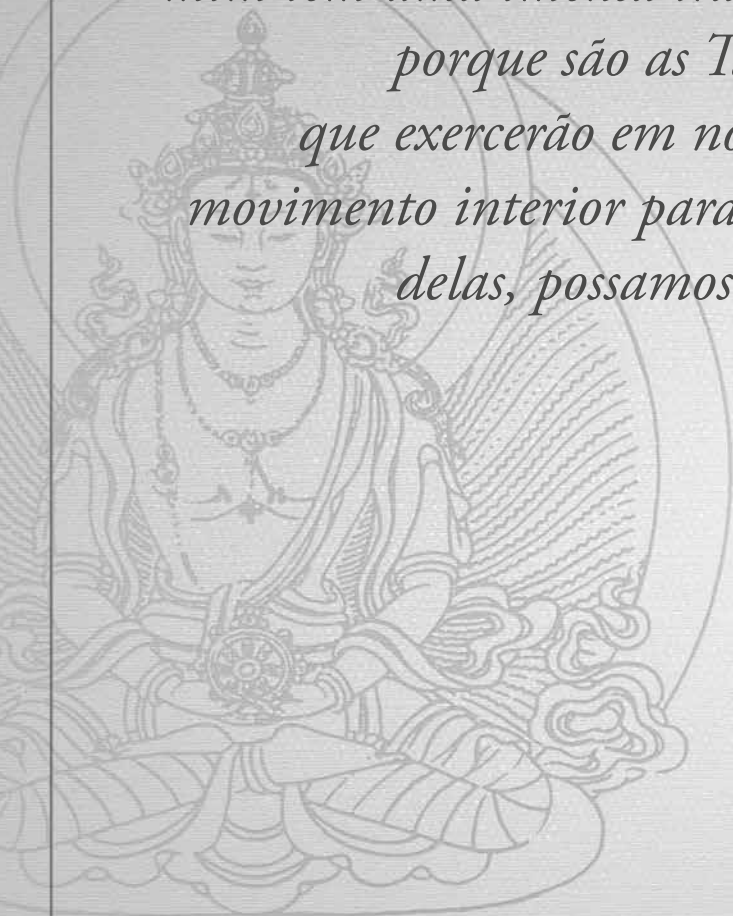
Assim foi que como por arte de magia e pelo mistério, foram vindo pequenas luzes que ao chegar ali, se transformavam em pessoas; não o nego que chegou um grande número de irmandade, mas também chegou uma enorme proteção com um pentagrama que brilhava como o sol, todos exclamamos:

“Que Viva o CRISTO e o PENTAGRAMA!”

Foi aparecendo a mensagem que nos iam entregar, foram como mandamentos que de um em um se iam ditando e nos diziam:

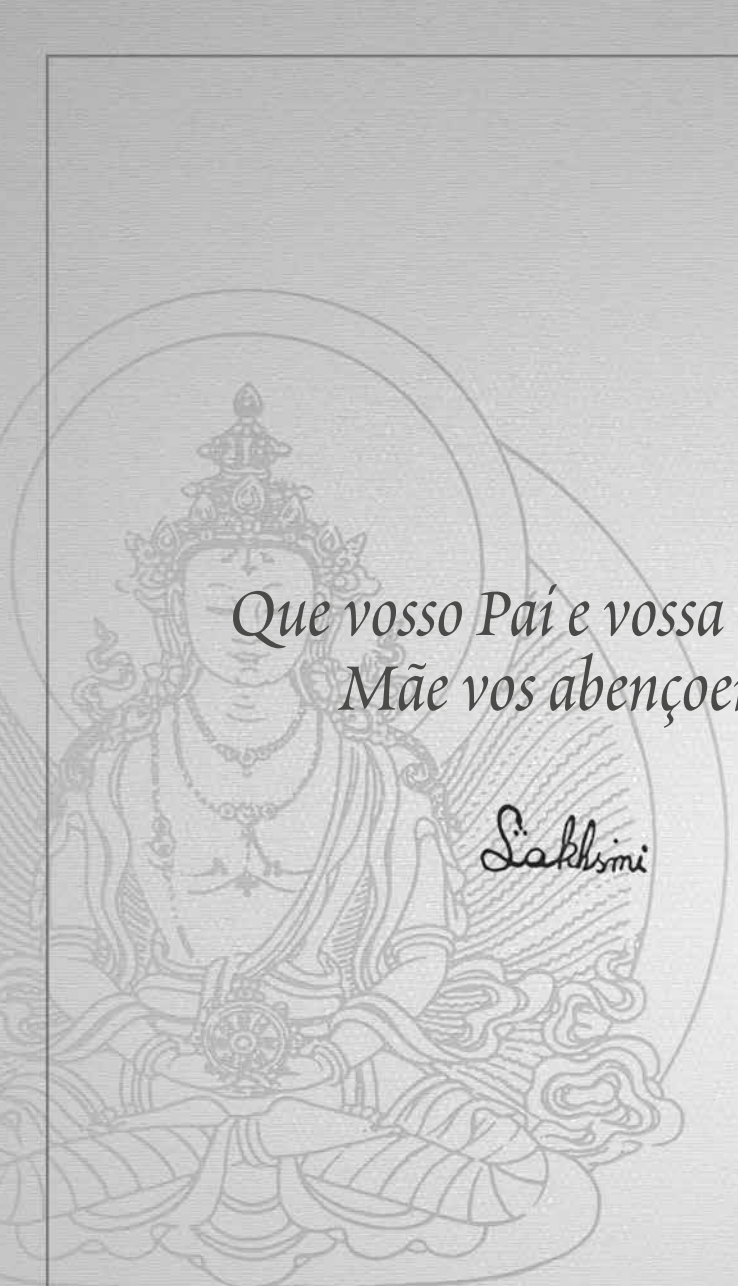
“Lembrem-se, irmãos, que a luz se faz em nós com a luz, as trevas se fazem em nós com as trevas, o que ama a Luz respeita a Luz, quem lançou as trevas, não as respeita, mas vive nelas...”

*Quero deixar esculpido neste  
pequeno folheto aspectos que para  
mim têm uma imensa transcendência,  
porque são as Tábuas da Lei  
que exercerão em nós um grande  
movimento interior para que, através  
delas, possamos fazer a Luz.*



- 1º Faz o bem sem mancha ou interesse.
- 2º Recorda-te de ti de instante em instante, mas dá-te conta que quando o estás fazendo és Luz, portanto trata de fazê-lo com mais frequência e com mais duração.
- 3º Dedica cada dia um determinado tempo para viver em Paz.
- 4º Expressa Amor a tudo o que está ao teu redor, principalmente a tudo o que tem Vida.
- 5º Procura não fazer ninguém sofrer.
- 6º Quando fales com outra pessoa, dá-lhe a entender que o que ele sabe te interessa, não o desprezes!
- 7º Dá-te conta que a mente é uma entrada que as trevas têm em nós, da mesma forma as emoções, da mesma forma os instintos brutais, da mesma forma o verbo descomposto; portanto, necessitamos que a Luz Interior nunca se apague!
- 8º Trata de ensinar com justiça, com amor, com sabedoria a todo aquele que quer aprender.
- 9º Passeia pelo campo sentindo-te livre como as aves, puro como o vento que te envolve e simples como as águas que deslizam pelas cachoeiras.
- 10º Trata de te desfazer no diário viver do que não te serve, do que é um estorvo.
- 11º Trata de escutar a voz de teu silêncio, a voz de teu próprio Ser, procura penetrar nesse oceano, nesse refúgio da Paz do Coração.

- 12º** Pede diariamente a teu Ser Interno o perdão por todas as faltas cometidas contra Deus, contra o Pai, contra a Vida.
- 13º** Esforça-te diariamente em não divagar tanto com a palavra, fala da Sabedoria, fala do Amor.
- 14º** Se viajes, sempre leva em tua mão um livro da Sabedoria, um livro da Filosofia, isto te ajudará a fazer o hábito saudável de ESTUDAR AOS PÉS DE TEU SANTO GURU.
- 15º** Traça uma meta com a finalidade de cumpri-la; no diário viver, não fales coisas inúteis, não interpretes o que a mente te diz e faz de teu coração o Templo que sempre te conduzirá até as esferas mais altas, onde teu SER te esperará como aquele filho pródigo que regressou à casa.
- 16º** Esforça-te até o máximo em ser Puro em Pensamento, no Sexo e nas Palavras.
- 17º** Nunca andes com pessoas que usem mal o verbo, que cometam feitos contra Deus e contra o próximo. Eles vão por seu caminho... Deixa-os irem sozinhos!
- 18º** Trata de dar um bocado de comida a todo ser vivo que tenha fome.
- 19º** Trata de que em teu leito esteja a PAZ de Deus, vista na limpeza, na ordem e na harmonia.
- 20º** Trata de caminhar todos os dias um pouco ao ar livre e sozinho, é teu Caminho!



*Que vosso Pai e vossa Divina  
Mãe vos abençoem!*

*Lakshmi*



## EDITORA GNOSISBRASIL

A Editora Gnosis Brasil trabalha voluntariamente para oferecer ao público os livros do V. M. Samael Aun Weor e do V. M. Lakshmi Daimon. O lucro da Editora é destinado à continuidade da produção editorial, ao aprimoramento de serviços e ao suporte dos trabalhos filantrópicos do Instituto Gnosis Brasil.

Primamos pela tradução mais fidedigna e investigamos os termos culturais, históricos, científicos, mitológicos, botânicos, esotéricos etc., utilizados pelos Veneráveis Mestres em suas obras para justificar seu uso em nosso idioma e fazer aclarações que orientem o leitor, quando necessário, utilizando sucintas notas de rodapé.

Em nossos livros você vai encontrar os prefácios originais, escritos por aquelas pessoas a quem os autores realmente encomendaram tal trabalho.

Também poderá apreciar as artes das capas, releituras que preservam a originalidade das primeiras edições. Através das capas os Mestres nos deixaram ensinamentos que, muitas vezes, não se encontram descritos no interior dos livros e talvez não fossem os mesmos se expressos com palavras. No entanto é incomum e improvável que se encontrem edições que mantenham tais imagens, principalmente com relação às obras do Mestre Samael. Nós, da Editora Gnosis Brasil, por orientação do V. M. Lakshmi em respeito ao V. M. Samael, trabalhamos pelo resgate das capas originais.

Jamais interferimos no conteúdo das obras para alterar conceitos ou adicionar entendimentos pessoais. Vamos às fontes mais fiéis buscando resguardar a sabedoria de cada obra como um todo.